



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE  
CURSO DE MATEMÁTICA-LICENCIATURA

MARIA GIRLENE DA SILVA

**DISPOSITIVO: SALA DE AULA DO 6º ANO E SUAS RELAÇÕES DE FORÇAS**

Caruaru

2019

MARIA GIRLENE DA SILVA

**DISPOSITIVO: SALA DE AULA DO 6º ANO E SUAS RELAÇÕES DE FORÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Matemática-Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Matemática.

**Área de concentração:** Ensino (Matemática).

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Simone Moura Queiroz.

Caruaru

2019

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

S586d Silva, Maria Gírlene da.  
Dispositivo: sala de aula do 6º ano e suas relações de forças. / Maria Gírlene da Silva. – 2019.  
60 f. ; il. : 30 cm.

Orientadora: Simone Moura Queiroz.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA,  
Licenciatura em Matemática, 2019.  
Inclui Referências.

1. Diferença (Filosofia). 2. Sala de aula. 3. Subjetivação. 4. Relações interpessoais –  
Ensino fundamental. I. Queiroz, Simone Moura (Orientadora). II. Título.

CDD 371.12 (23. ed.) UFPE (CAA 2019-208)

MARIA GIRLENE DA SILVA

**DISPOSITIVO: SALA DE AULA DO 6º ANO E SUAS RELAÇÕES DE FORÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Matemática-Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Matemática.

Aprovada em: 09 / 07 / 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Moura Queiroz (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Marta Maria de Lima Sales (Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>o</sup>. Me. Luan Danilo dos Santos (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho a **Maria Gislayne da Silva** (*In Memória*)

[...] Você marcou na minha vida  
Viveu, morreu na minha história  
Chego a ter medo do futuro  
E da solidão que em minha porta bate.

E eu

Gostava tanto de você [...]

Tim Maia

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por seu infinito amor que me conduziu até aqui.

Ao meu Pai (Sr. Neguinho) pelos esforços feitos em pró do meus estudos, a minha amável e incomparável Mãe (Dona Zezé), por me amar, por me ajudar desde o início da graduação e pelas incessantes orações. Eu Te Amo incondicionalmente, Mainha! As minhas irmãs, Maria Girleide e Maria Gislayne (*In Memória*) que estão a vibrar a cada conquista. E a minha sobrinha Emily, que me motivou com o seu nascimento.

Em especial, agradeço ao meu esposo amigo e colega de turma, Helenilson Marques Ferreira por sempre estarmos juntos, por cuidar de mim e por me acalmar nas horas de turbulências vividas tanto nos anos de graduação quanto nos dias de nossas vidas. Obrigada por se fazer presente!

Agradeço a família do meu esposo que me acolheu e que está a vibrar conosco todas as superações. Aos nossos amigos irmãos de longas caminhadas.

Agradeço a minha admirável orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Simone Moura Queiroz, que me subjetivou aos estudos da Filosofia da Diferença. Obrigada por me acolher como orientanda e pela paciência nos momentos de vexames.

Agradeço aos meus professores da educação básica de modo geral e aos ilustres professores da graduação que deixaram marcas positivas em minha vida e que estão escrevendo a história do Curso de Matemática-Licenciatura nesta instituição: Prof<sup>a</sup> Viviane Lisboa, Prof<sup>o</sup> Everaldo Fernandes, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Simone Queiroz, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristiane Rocha e Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Valdir Bezerra, obrigada pelos ensinamentos. Aos meus colegas de turma da graduação, em especial aqueles mais chegados, bem como aqueles que foram se aproximando durante a vida acadêmica e que tivemos muitos momentos de conversas, risadas e aprendizados nos congressos, em particular, nas monitorias dos EMAP's, no Cachorrão e nas festinhas comemorativas.

Não poderia deixar de agradecer a banca examinadora, pelo tempo reservado a leitura desta pesquisa e pelas relevantes contribuições. Bem como, aos sujeitos de nossa pesquisa, os quais nos proporcionaram discussões ímpares deixando-as mais interessantes.

E por fim, a todos que contribuíram de uma forma ou de outra a chegada até aqui.

**Muito Obrigada!**

Antes tarde do que nunca!  
Autor desconhecido

## RESUMO

A sala de aula é o espaço de constantes interações entre professores e alunos, onde algumas são verdadeiramente profundas. Toda comunidade escolar acredita no sucesso deste espaço esperando que haja o aprendizado de conteúdos, como também, de ensinamentos que farão dos alunos seres capazes de enfrentar o mundo lá fora. Motivados em compreender os processos que permeiam e interferem na vida do sujeito e para melhor discutir suas decorrências, foi que surgiu o interesse desta pesquisa. Em consonância com a Filosofia da Diferença e com as discussões sobre o Mundo Líquido Moderno (BAUMAN, 2011), Experiência (LARROSA, 2002) e Dispositivo (AGAMBEN, 2005, 2009), (DELEUZE, 1990), (FOUCAULT, 2010); objetivamos descrever as relações de forças presentes em um dispositivo sala de aula do 6º ano. Nossa pesquisa tem caráter qualitativo, onde fizemos uso de questionários como instrumento para produção de dados, sendo estes 6 professores e 25 alunos do 6º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma escola pública, localizada no Agreste de Pernambuco. A discussão dos dados produzidos nos conduziu a uma reflexão sobre as linhas de forças presentes no ambiente de sala de aula nos levando a entender que as relações que se estabelecem neste dispositivo são de extrema importância para a consolidação do aprendizado.

Palavras-chave: Filosofia da Diferença. Dispositivo sala de aula. Subjetivação. Relação de força.

## **ABSTRACT**

The classroom is the space of constant interactions between teachers and students, where some are truly deep. Every school community believes in the success of this space hoping that there will be learning content as well as teachings that will make students able to face the outside world. Motivated to understand the processes that permeate and interfere in the subject's life and to better discuss their consequences, it was the interest of this research. In line with the Philosophy of Difference and the discussions on the Modern Liquid World (BAUMAN, 2011), Experience (LARROSA, 2002) and Device (AGAMBEN, 2005, 2009), (DELEUZE, 1990), (FOUCAULT, 2010); We aimed to describe the relationships of forces present in a 6th grade classroom device. Our research has a qualitative character, where we made use of questionnaires as instrument for data production, being these 6 teachers and 25 students of the 6th grade of the Final Years of Elementary School of a public school, located in Agreste de Pernambuco. The discussion of the data produced led us to a reflection on the lines of forces present in the classroom environment leading us to understand that the relationships established in this device are extremely important for the consolidation of learning.

**Keywords:** Philosophy of Difference. Classroom device. Subjectivation. Strength ratio.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Aplicação dos questionários .....	38
Quadro 3 – Questionário do aluno.....	39
Quadro 2 – Identificação do aluno .....	39
Quadro 4 – Identificação e formação do professor.....	41
Quadro 5 – Questionário do professor.....	42
Gráfico 1 – Ações dos alunos na sala de aula.....	52

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Faixa etária dos alunos.....	36
Tabela 2 – Dados das questões 5 e 6.....	47
Tabela 3 – Dados das questões 7 e 9.....	48
Tabela 4 – Tempo de ensino dos professores.....	49

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>ADENTRANDO A FILOSOFIA DA DIFERENÇA .....</b>	<b>14</b>
2.1	DESMISTIFICANDO O CONCEITO DE DIFERENÇA.....	14
2.2	SINGULARIZANDO A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO.....	16
<b>3</b>	<b>BAUMAN VERSUS LARROSA (MUNDO LÍQUIDO X EXPERIÊNCIA) .</b>	<b>20</b>
3.1	O MUNDO LÍQUIDO MODERNO DE BAUMAN .....	20
3.2	EXPERIÊNCIA DE LARROSA .....	25
<b>4</b>	<b>DISPOSITIVO .....</b>	<b>28</b>
4.1	DISPOSITIVO SALA DE AULA.....	31
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>35</b>
5.1	IDENTIFICAÇÃO E ESCOLHA DOS SUJEITOS .....	35
5.2	APRESENTAÇÃO E OBJETIVOS DOS QUESTIONÁRIOS .....	38
<b>6</b>	<b>DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>44</b>
6.1	RESULTADOS DOS ALUNOS.....	44
6.2	RESULTADOS DOS PROFESSORES.....	49
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Acreditamos ser a sala de aula o lugar que todo professor ou futuro professor deseja estar. É por ela que o educador anseia! Se não for presumir demais, afirmamos que a sala de aula é o ambiente mais importante de uma escola, pois tudo funciona a favor da mesma. Secretaria, cozinha, sala da coordenação, biblioteca, a direção, entre outros espaços, estão à disposição deste lugar para contribuir com seu sucesso. Este espaço comporta sujeitos que interagem entre si por meio do falar, do ouvir e do agir/reagir diante das situações que ali acontecem. Dentro da sala de aula, cada um desses sujeitos tem sua função, o professor deve ensinar e o aluno aprender; as relações de força participam ativamente neste processo agindo para subjetivar os sujeitos no espaço de sala de aula. Para Queiroz e Posada-Balvin (2014) “o poder [...] é constituído de relações de força” (p. 2), assim sendo, o ambiente de sala de aula é composto por poder, um poder atrelado ao saber que se espalha entre seus sujeitos, os quais afetam e são afetados por meio de várias linhas de força.

Segundo Foucault apud Tártaro (2016) “onde há poder, existe resistência e esta se encontra em posição de relação com as linhas de força [...]” (p.51). É uma composição de ações que se interligam e causam um constante movimento. “Uma das características de um dispositivo é seu movimento, o entrelaçar multilinear de suas mais variadas linhas forças, podendo assumir formas (e conteúdos) variadas, sendo tanto material quanto imaterial, tendo em comum o efeito ideológico por ele incitado.” (QUEIROZ; POSADA-BALVIN, 2014, p. 3). Assim, a sala de aula é um dispositivo<sup>1</sup> material por ser um espaço físico no qual há relações de poder, saber e subjetivação, comportando uma enorme carga de saberes múltiplos que serão aflorados com o passar dos dias, dos meses, do tempo, por meio dos diálogos, de questionamentos, e situações diversas vivenciadas por seus sujeitos.

Como afirma Elias et al. (2013), nos movemos por meio do desejo, é ele quem cria territórios<sup>2</sup> e nos impulsiona a permanecer ou adentrar outros, isto é, sofremos o processo de desterritorialização e de reterritorialização conforme vamos sendo agenciados, subjetivados. De acordo com Rolnik (2011) o desejo só atua quando há agenciamento<sup>3</sup>. Assim, “[...]”

---

<sup>1</sup> Discutiremos melhor sobre este conceito um pouco mais adiante.

<sup>2</sup> “O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos [...]” (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 8).

<sup>3</sup> Para Queiroz (2016) “Agenciamento é o que atrai que conquista que nos faz onde estamos [...]” (p. 2-3).

podemos afirmar que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, “é a operação da linha de fuga” e a reterritorialização é o movimento de construção do território.” (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 8).

Fomos movidos e motivados ao tema desta pesquisa, após cursar a componente curricular Filosofia da Diferença e Educação Matemática<sup>4</sup>, com à curiosidade de conhecer os elementos presentes no dispositivo sala de aula, de identificar algumas relações de força dos sujeitos e compreender os processos que permeiam este dispositivo. Assim, surgiu a nossa pergunta norteadora: *Quais as relações de forças permeiam os sujeitos de um dispositivo sala de aula do 6º ano?* E em busca de encontrarmos as respostas a esta questão, traçamos o objetivo dessa pesquisa que é **descrever as relações de forças que estão presentes em um dispositivo sala de aula do 6º ano.**

Para isso, estruturamos nossa pesquisa em capítulos ponderando sobre conceitos julgados importantes para tal finalidade. No primeiro momento, discutimos os termos pertencentes e interligados com a Filosofia da Diferença conforme apontam os estudos de Foucault (1987, 2012), Deleuze (1995), Rolnik (1993), Shopke (2009), Mansano (2009), Queiroz (2015), Tártaro (2016). Mais adiante buscamos compreender o sujeito inserido no Mundo Líquido Moderno quando nos debruçamos sobre os estudos de Bauman (2011) e complementamos este momento trazendo a experiência e o saber de experiência segundo Larrosa (2002). Terminando o nosso aporte teórico, fazemos uma releitura dos pesquisadores Agambem (2005, 2009), Deleuze (1990) e Foucault (2010) para nos apropriar sobre o conceito de dispositivo. Seguindo o corpo do nosso trabalho, caracterizamos nossa pesquisa em um trabalho qualitativo e assim, descrevemos nossos sujeitos – alunos e professores de uma turma do 6º ano do Anos Finais do Ensino Fundamental – os instrumentos de produção de dados e finalizamos as discussões sobre os dados tentando envolver os conceitos estudados em nosso aporte teórico.

---

<sup>4</sup> Disciplina eletiva de 60h oferta no curso de Matemática-Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE/CAA, a qual foi ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Moura Queiroz no período de 2016.1.

## 2 ADENTRANDO A FILOSOFIA DA DIFERENÇA

Na vontade de entendermos um pouco mais o universo da sala de aula e as interações que ali acontecem, buscamos neste primeiro momento descrever os movimentos que percorrem a vida do sujeito. Pois, entendemos que alunos e professores, antes de tudo, são seres que vivem e compartilham, de modo singular, seus desejos, frustrações, conquistas e suas experiências que os fazem “ser”, com o mundo a sua volta. Contudo, sentimos a necessidade de perceber as correspondências entre professores/alunos/componentes curriculares e os unos entre si, e de que forma constituem o movimento dentro de um dispositivo. Desta forma, por pensarmos na sala de aula como o campo de atuação tanto do professor, quanto do aluno, faz-se necessário fundamentar nossa pesquisa na Filosofia da Diferença já que a mesma traz estudos relacionados à composição do sujeito como um ser que vive em sociedade, o qual se relaciona, pensa, age, ou melhor, se constrói e se reconstrói a todo instante a partir das coisas que lhe acontece.

O nosso trabalho está motivado nos estudos desta Filosofia que tem como principais pesquisadores os filósofos franceses Michel Foucault (1926-1984), Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992), que dedicaram suas pesquisas para compreender a constituição do sujeito segundo suas diferenças. Estudaram a singularidade de cada sujeito tendo em mente que por sermos múltiplos, nos tornamos únicos, pois cada ser tem sua própria singularidade, a qual precisa ser respeitada.

Sendo assim, em busca de melhor compreender os processos que permeiam e interferem na vida do sujeito e para melhor discutir suas decorrências, destrincharemos ao longo do capítulo alguns termos que nos ajudarão nesta tarefa. Começando pelo conceito atribuído a diferença, em seguida compreendendo o que é sujeito, subjetividade, subjetivação, o Cuidado de si, as relações de forças, linhas de força e linhas do fora.

### 2.1 Desmistificando o conceito de Diferença

Desde os tempos mais remotos, a filosofia tem papel importante na constituição do ser. Construimos o nosso pensamento e criamos a nossa cultura a partir do privilégio que é dado a alguns modos de pensar em relação a outros. Apropriamo-nos dos pensamentos que consideramos convenientes e assim formamos o nosso íntimo, pelo qual seremos conhecidos, identificados. Silva (2017) levanta essa discussão, em um vídeo produzido pelo canal Casa do Saber na plataforma *Youtube*, ao mostrar que o desprezo com o qual enxergamos a diferença

está relacionado ao contexto histórico em que se formulou. É época na qual se prezava pela essência, semelhança, ou seja, pela identidade das coisas. Já que o movimento natural delas, a mudança, não traz segurança. O filósofo nos conduz a refletir sobre essa oposição entre identidade e diferença e entende que é mais cômodo para o ser, querer que as coisas e as pessoas permaneçam da mesma forma com o passar do tempo e caso ocorram mudanças, ainda assim “elas devem conservar algo de idêntico pelas quais elas são então identificadas”<sup>5</sup>, ou seja, que essas modificações sejam mínimas para que não altere sua essência.

A Diferença ganha espaço no século XX, quando alguns filósofos, dentre eles Gilles Deleuze, entende que a mudança é um processo natural, que acontece em tudo e em todos em função do tempo. Com isso, a diferença ganha certo privilégio, importância e começa a ser pensada. Surgindo assim a Filosofia da Diferença.

Falar sobre Diferença nos remete ao filósofo francês Deleuze mesmo não sendo o responsável pela criação do conceito de Diferença, mas foi quem buscou explicar suas ideias a partir deste. Sob a perspectiva de Deleuze, com a finalidade de melhor compreender seus estudos Schöpke (2009) em seu artigo discorre sobre o conceito de Diferença. A diferença era tida por muito tempo como um mal, uma destruição do ser, pois se acreditava que não pertencia a natureza do homem e causava repulsa, estranheza, oposição, já que estava sempre ligada a ideia de fugir dos padrões e dos modelos existentes.

É em um sentido contrário a este que Deleuze nos leva a pensar sobre diferença. Para ele a filosofia, por si só, produz pensamentos ao criar conceitos e o filósofo os cria a partir do contato com o mundo a sua volta. Todo conceito tem relações históricas, advém de outros, nenhum conceito é simples, é sempre uma multiplicidade. Os conceitos são como regras, pois para Deleuze é a diferença quem constitui a natureza e “dissolve toda determinação, toda e qualquer estabilidade num mundo que, apenas na aparência, é sólido e permanente” (SCHÖPKE, 2009, p. 1).

Deleuze insiste em pensar a diferença e não a semelhança, entender que cada ser tem sua singularidade, que o diferente é algo natural, que nos caracterizamos pelo nosso diferencial e não por pensarmos conforme um padrão. O filósofo usa a diferença como objeto de pensamento e com isso a coloca como algo positivo para o conhecimento, ao querer desprender a ideia da desvalorização que se tem a tudo o que ameaça estabilidade. “É preciso, portanto, libertar a diferença, retirá-la de sua condição de maldição para o pensamento” (SCHÖPKE, 2009, p. 3).

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Her0PEsMao> Consultado dia: 04 jun. 2018

Contudo, a partir do conceito de diferença abordado nesta Filosofia, percebemos que é mais oriundo do que acreditávamos. Não necessitamos de padrões para poder “ser”, a menos que se queira. Toda essa abordagem nos permite refletir sobre o que se espera dos alunos, enquanto sujeitos do meio social, cultural e como integrante do ambiente sala de aula. É comum escutarmos professores atribuindo padrões de excelência a seus alunos. Normalmente quando se deparam com alunos que têm um comportamento agitado, “diferente” ou fora do “comum”, rapidamente o profissional rotula esses como um inimigo de seu sucesso e logo são taxados como seres que tem apenas a função de fazer desandar suas aulas conforme o que havia sido planejado.

Então, diante do que foi abordado sobre os movimentos que involuntariamente existem na vivência do sujeito, nos causa anseio por obter respostas as seguintes perguntas: o que é o sujeito? De onde vem este conceito? Sendo assim, abordaremos a seguir algumas concepções que definem a constituição do sujeito a partir do que lhe acontece.

## **2.2 Singularizando a constituição do sujeito**

Começaremos ilustrando o sujeito como um ser que se constitui a partir do vai e vem dos acontecimentos no seu dia a dia. Na discussão anterior, foi possível compreender que o diferente faz parte do cotidiano, isto é, está intrínseco no espaço/tempo em que se vive o ser, onde se depara com instantes que fazem parte da sua existência os quais proporcionam instabilidade, inconstância, vicissitude. Esses instantes são marcados por encontros vividos com o meio social e são enfrentados por cada indivíduo de maneira diferente causando efeitos diversos em seu interior, alguns mais intensos que outros, mas que “convoca” o sujeito a se refazer, dar novo sentido a tal experiência. Duas pessoas que nascem na mesma família e que enfrentam os mesmos problemas familiares, terão cada uma sua própria experiência que possibilitará uma reorganização do seu modo de “ser”. Logo, implica pensar que o sujeito se faz por meio do somatório das porcentagens extraídas de cada experiência vivenciada por ele em cada encontro, podendo ser duradouras ou não.

Este processo de composição do sujeito, através do meio em que está inserido, acontece por meio de subjetivações. Segundo Mansano (2009), para melhor explicar a constituição do sujeito, Foucault destaca as práticas de análise das relações do homem consigo mesmo, com a cultura e com o outro, denominado-as de modos de subjetivação, são, por exemplo, os discursos, as verdades e a doutrina que conduzem a identificação do ser humano. Os modos de subjetivação pertencem à vida de qualquer sujeito, os quais “[...]”

podem tomar as mais diferentes configurações, sendo que estas cooperam para produzir formas de vida e formas de organização social distintas e, cabe insistir, mutantes”. (MANSANO, 2009, p. 114).

Todo sujeito é derivado de suas subjetivações. São elas que formam o lado de dentro do ser através das marcas<sup>6</sup>. As transformações dos modos de subjetivação acontecem quando assume uma configuração de imposição, obrigação ao sujeito sobre cumprir práticas que interferirá na própria singularidade, afetando desse modo sua subjetividade. Sendo assim, é por meio da resistência<sup>7</sup> que o indivíduo manterá a autonomia sobre si próprio. Mansano (2009) discorre sobre essas transformações acreditando que elas podem afetar a multiplicidade do sujeito quando afirma que: “ao pretender englobar a totalidade dos indivíduos, comprometendo-se com a obediência, simplesmente inviabiliza o contato com a diferença e com a criação de novas possibilidades de existir” (p. 114).

É Foucault (1992, 2006) quem se apropria do termo “Cuidado de si” antes comum aos povos gregos, como uma prática de conhecimento e reconhecimento do sujeito consigo mesmo e com o que está a sua volta. Foucault (2006, p. 14-15) traz a noção do “Cuidado de si” (epiméleia heautoû) como três ações: a primeira “é uma atitude - para consigo, para com os outros, para com o mundo.”; a segunda “O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento.” e a terceira designa como “ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos transformamos e nos transfiguramos.”. À medida que o homem assume a “Prática de si” terá capacidade de governar-se e governar o outro, adquirirá o controle sobre si próprio, e de situações diversas para não estar à mercê de tudo o que a sociedade lhe impõe anunciado como “verdades”. E, acima de tudo, conduzir essa maneira de agir a fim de estabelecer uma relação de poder-saber, a qual permite se deixar ou não ser assujeitado a tal situação. Veiga (2007) discorre segundo o pensamento de Foucault sobre essa relação de poder-saber, o qual define que “os saberes se constituem com base em uma vontade de poder e acabam funcionando como correias transmissoras do próprio poder a que servem.” (p. 117). Ou seja, é através do poder que o saber se origina e se organiza, já que o filósofo entende que as relações de poder estão inseridas em qualquer sociedade. Além disso, o poder trabalha em nossos

---

<sup>6</sup> Derivada da experiência (que abordaremos mais adiante - capítulo 2), as marcas são estados inéditos que desestabilizam o sujeito e exige dele uma recriação do seu eu, “[...] marca são exatamente estes estados inéditos que produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir.” (RONILK, 1993, p. 2).

<sup>7</sup> É um esforço em combate do poder. Ou mais, “é o outro numa relação de poder”. (VEIGA, 2007, p. 125), “são lutas que subvertem linhas de força prontas para nos subjetivar.” (TÁRTARO, 2016, p. 49).

corpos, ele existe executando divisões que fragmenta o nosso íntimo tanto em relação a nós mesmos quanto aos outros. Esse poder aparece a partir da vontade que se tem em “atuar sobre a ação alheia” (p. 121), também pode ser entendido como habilidade que todo sujeito tem de modificar, destruir, fazer uso de recursos e coisas, e ainda como capacidade de transmitir informação.

O “Cuidado de si” remete a arte de viver e tem que prevalecer do cuidado do outro, ou seja, essa prática necessita dos seres que estão a nossa volta para acontecer, não se restringindo apenas ao próprio indivíduo. É uma atividade comunitária e relacional.

Michel Foucault em variados momentos de seus estudos busca firmar e reafirma o quão importante é o ser estar em contato com o seu íntimo (FOUCAULT, 1992). Em alguns desses momentos, o filósofo discorre sobre a grande relevância da escrita na constituição de si. Mostra que no processo de narração sobre si no cotidiano da vida; os discursos, o cuidado de si, a interação com o outro, o que sentimos e o que pensamos; escreve quem somos. A prática da escrita está ligada ao exercício do pensamento por meio da meditação, da escrita e do real. Percebemos tal afirmação quando faz alusão ao texto de Epicteto:

[...] a escrita aparece regularmente associada à “meditação”, a esse exercício do pensamento sobre si mesmo que reactiva o que ele sabe, se faz presente um princípio, uma regra ou um exemplo, reflecte sobre eles, os assimila, e se prepara assim para enfrentar o real. (FOUCAULT, 1992, p. 133).

Entendemos aqui, que a escrita é uma prática de si, um exercício pessoal. Esse exercício nos permite o conhecimento de si por si mesmo num processo de treinamento, o qual nos ajudará entender e encarar as situações do cotidiano.

Contudo, são os acontecimentos que atravessam a vida do ser definindo sua constituição, formando sua subjetividade. Mansano (2009) explica que é na vivência do sujeito em sociedade que nasce e se adapta a subjetividade. A subjetividade é o que compõe o sujeito, algo que pode ser adotado como forma de vida, por exemplo, sua crença, o modo de ser, sua conduta, seu pensamento, toma forma na convivência com o outro. Na medida em que o ser se certifica sobre sua subjetividade isso lhe dá condições de saber quem realmente ele é. Seja por meio do contato com pessoas, com a natureza, com novas situações, ou melhor, com tudo “aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver” (p. 111) são formas de criação da subjetividade.

Há um verdadeiro movimento, instabilidade, que caracteriza a vida, resultando dos acontecimentos definidos como forças que têm variadas potências e relações, as quais afetam o sujeito de inúmeras formas possibilitando a construção do lado de dentro. Para Tártaro (2016) a subjetivação, ou seja, a constituição do interior do sujeito resulta da ação do dobrar

da *linha do fora*. Essa linha pertence a um espaço no qual comporta linhas de forças que não afetaram ainda o sujeito, isto é, que se encontram fora de toda e qualquer subjetivação. Este espaço é denominado de *fora*,

[...] o fora não pertence ao sujeito nem é o sujeito. O espaço do fora faz parte do processo de subjetivação de si. O fora, em seu estado puro, é pura ação de linhas de força e só poderá ser transformado em sujeito após passar pelo processo poder/saber/subjetivação. [...] as forças do fora são todas as relações de poder que agem sobre o sujeito. (TÁRTARO, 2016, p. 46).

Sendo assim, o *fora* é o próprio poder e o poder são relações de força, “um afeto, já que a própria força se define por seu poder de afetar outras forças” (TÁRTARO *apud* DELEUZE, 2005, p. 79). Para Levy (2007) é a força que pertence ao lado de fora, a qual se caracteriza a partir da relação com outras forças, através do poder de afetar como também de ser afetada. “Quando o fora dobra, constituindo suas pregas, o que ocorre é uma relação da força consigo mesma, um poder de se afetar, um afeto de si por si.” (p. 4). A autora traz que esta relação consigo é justamente uma subjetivação, logo “Subjetivar é construir pregas, é vergar a força, dobrar o lado de fora.” (p. 4).

É o poder quem cria o sujeito. Cada pessoa age resistindo ou não *as linhas do fora*, mas faz isso de um modo próprio sobre estas forças, dando a elas um significado, ou melhor, transformando-as, dobrando-as, modelando-as a seu modo que vão compondo de maneira provisória o território subjetivo do sujeito. É por meio dessa ressignificação, do domar e disciplinar as forças que a singularidade do sujeito brota, fazendo-o existir.

### **3 BAUMAN VERSUS LARROSA (Mundo líquido X Experiência)**

O mundo no qual estamos inseridos nos possibilita uma série de reflexões sobre sua função na constituição do sujeito. No capítulo anterior, discorremos sobre os movimentos que perpassam a vida do sujeito o tornando provisório e singular, dessa forma, acreditamos que os sentimentos e pensamentos a respeito do que acontece a nossa volta colocam a nossa vida na posição de refém de um mundo que está a propagar constantemente saberes válidos e saberes não válidos, segundo a organização de uma sociedade, acerca do que acreditamos, mesmo sabendo nós que esses dois julgamentos são multáveis de pessoa a pessoa. Cada sujeito, a partir das relações que se estabelecem na sociedade, considera suas verdades ou mentiras ao se apropriar de conjuntos de ideias que ali existam.

De fato, a mudança faz parte das relações do exterior com o interior, no qual o interior, a subjetividade sobressairá determinando o que deseja captar e essa é a uma das certezas que temos sobre qualquer sujeito. Este processo acelerado de inovação do nosso lado de dentro, acreditamos advir da rotina do nosso lado de fora, pois são todos acontecimentos direto ou indiretamente a nós que vão nos fazendo ser quem somos.

Neste capítulo, buscamos discutir um pouco essa ideia e assim o dividimos em dois momentos: primeiro trazemos o pensamento de Zygmunt Bauman (2011) sobre o Mundo Líquido Moderno e por segundo o estudo de Jorge Larrosa Bondía (2002) sobre a experiência e o saber da experiência.

#### **3.1 O Mundo Líquido Moderno de Bauman**

Bauman (2011) discorre sobre a relação do sujeito com a sociedade em seu livro: 44 Cartas de um Mundo Líquido Moderno, por meio de histórias e sobre viagens, que busca atingir a finalidade de expor o mundo a nossa volta como uma permanente mudança que está a se refazer conforme as coisas que acontecem. Segundo ele,

Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíam ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimentos que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos enchem de esperanças e as que nos enchem de aflição. (BAUMAN, 2011, p. 6).

Somos marcados por uma época onde tudo é efêmero, pouco das coisas que nos acontecem conservam-se. É a partir dessa variância que surge a denominação “Mundo Líquido”, já que o líquido ganha forma conforme o frasco que lhe comporta, escorre por qualquer brecha que encontre, não tem solidez, não se conserva, se esvai com facilidade. Não conseguimos manter o líquido nas mãos, o que implica ser impossível manipulá-lo, manobrá-lo sem que boa parte deste seja dizimado. Assim, se assemelha as circunstâncias que nos cercam.

Precisamos entender e estarmos preparados para essas mudanças já que querendo ou não somos convidados a seguir o fluxo. Somos movidos. É como um banhista no mar, por mais que se queira ficar estático o mesmo é arrastado conforme o balanço das ondas, saindo muito ou pouco do lugar que se desejava estar, sabe-se que o deslocamento é inevitável. Assim também, sabiamente relata a música “Como uma onda”<sup>8</sup> do cantor e compositor brasileiro Lulu Santos “(...) Tudo passa, Tudo sempre passará, A vida vem em ondas, Como um mar, Num indo e vindo infinito”. Certificando-nos de que estamos em constante oscilação neste mundo que é palco de nossa existência.

Com o passar do tempo somos surpreendidos por avanços tecnológicos, os quais tem facilitado o processo pelo qual as inúmeras informações se tornam mais próximas de nós a cada dia. As pessoas, a televisão, a internet, as redes sociais, por exemplo, bombardeiam notícias a todo instante nos trazendo relatos sobre fatos que há pouco tempo ocorreu, ou mesmo, há muitos anos atrás em tempos que nem imaginávamos existir. São informações que “preenchem” nossa mente e que nos fazem ter uma opinião sobre, talvez, uma atitude sem ter a veracidade do que se chega até nós. A rapidez acaba comprometendo a eficiência do julgamento e a seletividade de tais informações que tende a nos influenciar sobre nossa personalidade. Não estamos aqui apontando que os avanços tenham sido algo ruim para a humanidade, mas mostrando algumas consequências negativas sobre estes quando relacionados à nossa vivência no mundo da modernidade.

Em contrapartida, é possível refletir que mesmo sendo o líquido algo de difícil consistência, é plausível fazer uma analogia das situações que vivenciamos com alguns exemplos de líquidos, tais como: a água, o óleo e o álcool. Cada um desses apesar de serem líquidos possuem suas próprias características, por exemplo, contendo viscosidade, densidade e evaporação distintas. Enquanto que a água é pouco viscosa, ela evapora fácil e é muito

---

<sup>8</sup>Música sucesso das composições de Lulu Santos e Nelson Motta em 1983.

densa; o álcool é menos denso que a água, também pouco viscoso, mas evapora com muita facilidade; o óleo é o menos denso de todos, não evapora com facilidade, mas em compensação possui uma viscosidade maior de difícil remoção onde atinge. É assim que as situações que nos acontecem nesse Mundo Líquido Moderno podem ser interpretadas. Cada qual tem suas características e as mesmas acontecem de maneira distinta podendo ser uma mais resistente, outra mais intensa e alguma mais marcante que outras. Mas que de uma forma ou de outra todas essas situações irão tocar o sujeito e causará nele alguma mudança sendo que a intensidade dessa modificação acontecerá de acordo com cada característica das circunstâncias por ele vivenciada.

Na diversidade de coisas que nos rodeiam, destacaremos algumas cartas, mas não menos importante que as demais, apenas julgamos se assemelhar melhor com o objetivo de nossa pesquisa, como também, para não nos estender demais. Buscamos apenas trazer de um modo geral, algumas discussões que nos levará a refletir sobre inúmeros meios e formas de manipulação que estão camuflados em uma sociedade que tende a mostrar padrões e propagar discursos sobre o que devemos ser.

A carta 2 (Sozinhos no meio da multidão) traz uma reflexão sobre a necessidade de, às vezes, estarmos sozinhos consigo mesmos, de *solitude*. Não de maneira narcisista, individualista, mas como um momento de pensar sobre si, refletir sobre seu ser, interior e exterior; visível e oculto. No início da carta há o relato sobre uma jovem que mandou três mil mensagens de texto em um único mês, isso fez com que ela perdesse muito ~~seu~~ tempo conectada com outras pessoas, ainda que estivesse sozinha. O título, *Sozinhos no meio da multidão*, nos sugere uma abordagem a qual mostra o ser humano rodeado de pessoas, mas que vive na atmosfera da solidão, desconectado do mundo real, sozinho, o *forever alone* da internet.

Nessa era tecnológica, o homem (ser humano) está imerso no mundo virtual e se tornando cada vez mais incapaz de se relacionar com os outros de forma pessoal, passando a se esconder em seus perfis virtuais, sendo, muitas vezes, alguém que não é. Um personagem. Uma camuflagem.

A carta de número 4 (*On-line, Off-line*) também traz uma discussão nesta linha de pensamento. Relata sobre o mundo *off-line* que seria o mundo não virtual, pois esse mundo real não proporciona aos jovens uma zona de conforto. É na internet, que eles encontram a liberdade e o poder de remodelar a “identidade”. Desse modo, se firma ainda mais a característica de uma sociedade impossibilitada de se relacionar fisicamente, certificando-nos

do enfraquecimento dos laços reais, que tem durabilidade comparada as redes sociais sendo substituídas de maneira repentina.

Na carta 8 (*Estranhas aventuras da privacidade (2)*), Bauman relata sobre a importância da privacidade, do sigilo na vida do ser humano. Traz a ideia de que o sigilo também se enquadra como uma relação social, o qual deve ser respeitado, pois isso também faz parte do que somos. Mas o que a sociedade moderna vem propagar é que “(...) não há prazer algum em manter segredos (...)” (p. 28). Isso se torna perigoso, pois nos influencia a acreditar que só somos o que divulgamos, mostramos ser, caso contrário corremos o risco de nem “existir”. Mas o segredo não estar apenas ligado ao íntimo do sujeito, ao confiar um segredo a um grupo selecionado de pessoas, firmamos relacionamentos, então o segredo passa a ser “(...) uma poderosa ferramenta de *união*, de construir o sentimento de integração, de criar os mais fortes *laços inter-humanos* conhecidos e concebíveis”. (p. 28-29, grifos do autor).

Além do mais em algumas de suas cartas, Bauman mostra as influências do modismo sobre adolescentes e jovens. As cartas 11, 13 e 16<sup>9</sup> apontam para a reflexão de que, esse novo tempo, essa liquidez em que se vive hoje, faz com que os jovens (e adolescentes) queiram experimentar a liberdade, seja ela de pensamento, financeira ou de quaisquer expressões. E isso atrelado à busca por estar *na moda*, fazendo e sendo tudo o que os outros são e pensam que seja o correto, o descolado. Além de essa liquidez fazer com que a aquisição de bens (muitas vezes para se sentir parte de algo) tenha sentido em si própria: o ter pelo ter. Todas essas características tornam-se mais presentes nos jovens à medida que estes se deixam levar pelo marketing, pelo outro e não por si. A efemeridade das coisas surge tão intensamente que nos parece difícil perceber a existência de alguma coisa duradoura.

Nas cartas 14 (*O surgimento das meninas-mulheres*) e 17 (*Consumismo é mais que consumo*), ambas as cartas trazem um pensamento a cerca de uma sociedade moderna de consumo, onde independente da idade, você é convidado a consumir, mesmo não precisando de determinados bens. Os produtos são apresentados como solucionadores dos “problemas” de nossa vida, são responsáveis pelo nosso bem estar. O fato é que não compramos porque precisamos e sim porque somos o que compramos. Consumimos apenas para estar *na moda* e sermos superiores aos outros. A carta 43 (*Destino e caráter*), também traz uma abordagem sobre a construção da própria identidade que cada indivíduo é convidado a fazer, seja por escolha ou mesmo por um *decreto universal*, ou seja, a *não ação* é tão importante quanto à

---

<sup>9</sup> *Os gastos dos adolescentes, O falso alvorecer da liberdade e A moda, ou o moto-contínuo*; respectivamente.

ação. Essa carta está ligada a liberdade de escolha, nossas decisões determinam o nosso destino, já que somos atores da nossa própria história, mas que destino e acasos decidem o alcance das escolhas que os artistas da vida irão fazer, e nos apresenta o caráter como sendo um desafiador das probabilidades estatísticas, sendo este quem determina o destino.

Já nas cartas 35 e 42<sup>10</sup> há uma meditação sobre a melhor forma possível para aproveitar a vida, sabendo aquilo que é certo para si próprio e não em função da opinião de terceiros. E que a normalidade é um conceito controverso, uma vez que qualquer pessoa pode vir a se tornar alguém monstruoso, capaz das maiores atrocidades. Respectivamente, refletimos que devemos estar atentos a quem somos e àquilo que nos faz feliz. É o que deve nos impulsionar a seguir em frente e aproveitar a vida com responsabilidade. *Carpe diem*. Por fim, entendemos o quanto o ser humano é passível de atitudes más e isso nos faz pensar sobre nós mesmos e a respeito de nossas ações em situações tão conflitantes quanto às citadas na carta.

Na 3ª carta (*Conversa de pais e filhos*) Bauman (2011) relata sobre as incompreensões recíprocas entre gerações. *A era moderna* e o acelerado ritmo de mudanças em relação as condições de vida, marcam essa desconfiança mútua entre *velhos* e *jovens*, onde os mais velhos acreditam que os tempos mudaram e os mais jovens sempre serão jovens e que acabarão destruindo o que foi construído e conservado por muito tempo com carinho. Já os jovens acreditam que podem consertar o que os mais velhos “estragaram”. Dessa forma cada uma das gerações culpa a outra pela sua própria insatisfação, pois viveram e/ou vivem “normalidades” diferentes, não conseguindo haver entre elas uma conversa .

As cartas 19 e 20<sup>11</sup>, mostram como as informações e publicidades nos levam a acreditar em doenças que não existem e a esquecer, rapidamente, de acontecimentos não muito antigos devido ao bombardeio de informações que é lançado sobre nós todos os dias. Ambas as cartas nos auxiliam a refletir sobre as seguintes questões: até que ponto estamos sendo “marionetes”? E como podemos cortar as linhas que nos deixam presos?. As respostas a essas reflexões são obtidas a partir da análise dos fatos, antes de aceitar tudo como verdade, pois como foi visto, pode ser apenas uma questão de marketing ou mesmo política.

As discussões em sala de aula sobre as cartas 23 e 24 (*O mundo é inóspito à educação? [1] e [2]*) deixou a reflexão sobre a falta de solidez das relações humanas e das coisas, sendo entendidas como uma ameaça presente nesse Mundo Líquido Moderno. Ambas as cartas nos convidam a pensar sobre o consumismo dos dias de hoje, o qual almeja o

<sup>10</sup> *Quem disse que temos de viver seguindo as regras? e Como pessoas boas se tornam más*, respectivamente.

<sup>11</sup> Carta 19 (*Remédios e doenças*) e Carta 20 (*A “gripe suína” e outras causas de pânico*).

acúmulo de coisas mesmo sem apego, em contraste com uma fruição imediata. Assim, esse nosso mundo volátil influencia na educação de maneira que não se memoriza e nem se guarda quase nada, pois o ser humano quer orientadores que lhes ajudem a trilhar novos caminhos e não professores que lhe guiem a única estrada possível, já que a receita do sucesso é ser diferente. Dessa forma a educação não está sendo acolhida e nem habitada por esse mundo da modernidade líquida.

De modo geral, a leitura dessas cartas nos leva a refletir sobre esse Mundo Líquido Moderno proposto por Bauman (2011) que é o próprio espaço/tempo em que nos encontramos. Instiga-nos a termos um olhar mais crítico e a tomarmos uma atitude diante do que a sociedade moderna nos oferece. Além de nos estimular a pensar novamente sobre a importância do cuidado próprio para que, dentre tantas consequências, a incapacidade de relacionamentos não nos afete. Que não estejamos *off-line* de um mundo no qual muita experiência pode ser adquirida.

### **3.2 Experiência de Larrosa**

Em contraste com esse mundo de mudanças e em constante movimento, que nos rouba muitas vezes a capacidade de sentir, pensar, refletir e entender o que nos acontece ou mesmo o que somos nos instantes de nossa vida, é que sentimos a necessidade de abordar em nossa pesquisa a ideia de experiência segundo Larrosa (2002), bem como o saber de experiência. Também buscamos, melhor entender essa constituição do sujeito diante do que ele vive e assim, compreender as seguintes indagações: o que é experiência? De que forma a experiência acontece no sujeito? O que é saber de experiência? Qual a importância para o sujeito?

De início, Larrosa (2002) ressalta sobre a importância das palavras para o sujeito. Afirma que as mesmas têm poder e forças que nos permitem fazer coisas com elas, isso está relacionado ao sentido que damos ao que nos acontece e ao que somos, e também de que forma confrontamos as palavras e as coisas, a maneira de como nomeamos o que vemos, o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos.

As palavras tem papel fundamental na vida do sujeito, principalmente porque elas fazem parte do nosso pensamento, é por meio das palavras que pensamos. Larrosa (2002) afirma:

E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. (p. 21).

Além disso, as palavras estão relacionadas com a forma como nos posicionamos e agimos diante, do outro, conosco e com o mundo a nossa volta.

Acreditando no poder e na força das palavras, o autor discorre sobre o vocábulo experiência, definindo que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (LARROSA, 2002, p. 21). Sendo assim, começamos a entender que a experiência é algo que acontece de modo voluntário ou involuntário no sujeito, no transcorrer da sua existência, de forma diversa, que o permite refletir sobre tais acontecimentos e que serão convertidas em algo significativo na sua vida. A experiência vai além do que está em volta do sujeito, é precisamente o que modifica o sujeito, que atravessa os “muros” e permanece no território existencial<sup>12</sup> daquele que experimenta. A experiência faz parte da subjetivação e do lado de dentro do sujeito, que é a subjetividade.

Ao pensar nas discussões que fizemos anteriormente sobre o Mundo Líquido Moderno de Bauman (2011) e observando a linha de pensamento de Larrosa (2002), entendemos que ter experiência no mundo moderno é algo cada vez mais raro, pois muita coisa contribui para a não vivência da experiência. Larrosa (2002) traz que a informação, a opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho são, sem exceção, destruição da experiência. Pois, todos estes fazem, nos tempos atuais, excessivo movimento na vida do sujeito, deixando-os ocupados, ativos demais e, conseqüentemente, incapazes de parar, de pausar, de refletir sobre os acontecimentos. E para que algo nos aconteça, nos toque ou nos passe, é necessário que tenhamos uma atitude de interrupção, que sejamos capazes de parar em meio ao movimento e dar tempo e espaço aos acontecimentos. Vale salientar que não é uma tarefa fácil, parar em meio a todo esse agito do Mundo Líquido Moderno. É necessário, porém difícil. Precisamos ser sujeito da experiência, aquele que é passivo, ou seja, que tem paixão, padecimento, paciência e atenção.

O sujeito da experiência é “como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.” (LARROSA, 2002, p. 24). E mais, é um “ponto de chegada [...] um espaço onde têm lugar os acontecimentos.” (LARROSA, 2002, p. 24). Esses acontecimentos são experimentos, os quais podem ser situações boas ou ruins para o sujeito, mas que tenham transpassado e ganhado lugar no território de sua existência. O

---

<sup>12</sup>Para Lima e Yasui (2014, p. 602), território existencial é “uma morada que possa funcionar como ancoragem e proteção contra o caos. As marcas vão constituindo essa ancoragem. Ao mesmo tempo, essa morada é percorrida por movimentos de desterritorialização.”

sujeito da experiência é empoderado de saber de experiência, o qual nasce no intermédio da relação entre o conhecimento e a vida humana, ou seja, é gerado a partir do que nos acontece, é o desfecho da experiência. É o que fica como resposta diante dos fatos vividos, a significação das coisas. “No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.” (LARROSA, 2002, p. 27).

Como cada ser tem sua singularidade, e como a experiência é o que nos acontece, então entendemos que cada sujeito terá seu próprio saber de experiência. Por exemplo, um grupo de pessoas que vivencia uma mesma situação terá cada integrante deste grupo sua própria experiência. É algo particular, único, subjetivo, pessoal, os quais vão formando as convicções do sujeito e estas só ganharão novos sentidos e significados por meio da vivência de outra experiência. Ferreira, Silva e Costa (2018) afirmam que “É um processo circular. Um processo que se resume em aprender, desaprender e reaprender.” (p. 4). Larrosa (2002) ressalta que a experiência do outro pode também tornar-se experiência para alguém, caso esta seja de alguma forma ressurgida, caso ganhe um sentido ou um sem-sentido particular, próprio.

Exemplificando a relação de experiência com o sujeito é como se o sujeito da experiência fosse um plano de tiro ao alvo e a experiência a flecha que atingirá ou não este plano. Caso haja o contato da flecha com o plano, ocorrerá sem dúvida uma modificação, ou seja, um perfuro no plano, esse contato depende da intensidade e da linha de mira que tal flecha foi lançada. Caso a flecha não chegue ao plano, esta não deixou necessariamente de ser lançada, mas certamente não modificou o plano, ou seja, não o atingiu. Essas flechas são lançadas até nós em forma dos acontecimentos, e a reflexão que fazemos sobre tais coisas definirá a linha de miragem, permitirá que as mesmas cheguem até nosso território, nos modifique e assim ganhe lugar, significado.

É objetivando entender a importância do sentido ou do sem-sentido que as coisas podem adquirir o que discutimos sobre a experiência. Esta que advém e dá abertura a várias outras relações que ajudam na constituição do sujeito, que está junto a subjetivação e contribui para a subjetividade do ser. A experiência proporciona ao sujeito a compreensão do íntimo diante do mundo em que tudo acontece rapidamente, sem transpassar, onde quase nada fica, e caso fique logo se evapora ou se escorrega entre os dedos, como bem nos mostra Bauman (2011). Daí, entendemos a relevância de se ter experiência.

#### 4 DISPOSITIVO

Começaremos este capítulo destacando algumas palavras: são elas: **lugar, ideia, discurso, leis, poder e controle**. São com essas palavras, mas não somente elas, que o dispositivo ganha seu sentido. Agamben (2005), baseado no pensamento do filósofo Foucault, discorre em seu texto sobre o que vem a ser um dispositivo. Após analisar os estudos de Foucault, o autor entende por dispositivo como “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo à capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.” (AGAMBEN, 2005, p.13). Vale salientar que dispositivo não se restringe apenas a um lugar, espaço físico, mas como bem foi citado, a “qualquer coisa”, desde que estas tenham as devidas capacidades já mencionadas. Sendo assim, o dispositivo também pode ser, por exemplo: a filosofia, a escrita, a linguagem, a literatura, a televisão, as redes sociais, o celular, o computador, a família, o casamento, entre outros.

Assim, verificamos que “[...] pertencemos a alguns dispositivos e neles agimos, subjetivando e sendo subjetivados.” (SILVA et al., 2018, p. 15). O dispositivo faz parte da vida do sujeito e nele vamos sendo, nos tornando singulares e múltiplos por meio do que nos acontecem e das decisões que tomamos diante desses acontecimentos. É no dispositivo que se vive a experiência.

Em Agamben (2009) vamos encontrar o seguinte esclarecimento sobre dispositivo:

- a. É um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- b. O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder.
- c. Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber. (p. 29).

O dispositivo e suas relações com o sujeito, ou vice versa, é algo dinâmico que está em constante modificação, em progresso, em movimento, regido pela relação de poder e de saber. Todo sujeito está inserido em vários dispositivos onde vivenciam neles a ação de subjetivar e de ser também subjetivado. Sendo assim, o dispositivo exerce poder, saber e subjetivação.

Para melhor compreendermos a descrição do dispositivo, nos atemos a Silva et al. (2018), já que as mesmas trazem uma abordagem sobre os elementos do dispositivo segundo a ótica de Foucault (2010), Deleuze (1990) e Agamben (2009).

Para Foucault (2010) o dispositivo se caracteriza por três coisas, são elas: por ser uma rede, por sofrer alterações e por ter estratégia de controle. O primeiro é compreendido como uma rede cujo desígnio é interligar, ou melhor, se estabelecer entre os diferentes dispositivos e suas diversidades. Cada dispositivo tem sua particularidade, sua finalidade, sendo assim não se misturam, mas todos eles possuem o mesmo objetivo. Desta forma é por meio deste objetivo que essa rede se estabelece neste conjunto heterogêneo. O segundo acontece devido as relações que existem entre os elementos heterogêneos dessa rede, é como um jogo que causa modificações na finalidade do dispositivo para que o objetivo seja atingido. Com isso o dispositivo se altera. E, por terceiro, o dispositivo é pensado como algo que pode ser novamente repensado, caso não esteja exercendo a sua função que é a de dominar algo ou alguém, por meio da relação de poder e saber. Na origem do dispositivo há uma hiperativa estratégia de controle, o dispositivo existe a partir e por meio desse controle, domínio.

Deleuze (1990) olha o dispositivo segundo quatro dimensões, neste momento, acreditamos que esse filósofo francês traz o dispositivo numa espécie de espaço-tempo. Pois, enxerga no dispositivo *curvas de visibilidade* e *curvas enunciação*, sendo estas, respectivamente, a **primeira** e a **segunda** dimensão e ambas constituintes do saber. Estas dimensões agem no dispositivo como uma maneira de fazer o sujeito ver apenas o que o dispositivo almeja mostrar e falar o que ele também deseja que fale. As enunciações estão para distribuir as diferentes posições dos elementos do dispositivo. São linhas de enunciação e de visibilidade, são elas que definem as alterações de cada dispositivo. A **terceira** dimensão está no dispositivo como *linhas de força*, a qual constitui o poder e definem as condições de possibilidade do saber. Essas linhas se apresentam nos elementos do dispositivo, ou seja, no que é falado (dito) e não falado (não dito), como também, no que é visível e invisível, para cumprirem o papel de intensificar o objetivo do dispositivo. Elas fazem parte da enunciação e da visibilidade, sem as *linhas de força* o dispositivo não existe. E a **quarta** dimensão é a subjetivação que se define como uma *linha de fuga* e *linha de fratura*, pois tem a capacidade de se esquivar de poderes e saberes de um dispositivo e assim, mover-se, transferir-se, assujeitar-se a outros poderes e saberes, ou seja, a outro dispositivo. Essa quarta não compõe as demais dimensões, pois ela entra em conflito com as mesmas.

A partir das afirmações dos filósofos antes mencionados, o mesmo pensa Agamben (2009), sobre o dispositivo. Ele realça as multiplicidades de um dispositivo quando afirma que o mesmo pode ser um lugar físico, mas também algo que vai além do físico, que comporta linhas de forças, de enunciação, de visibilidade, de subjetivação, de fuga, de fratura e tantas outras que agem sobre o poder e o saber em um dispositivo. Para este estudioso, o

dispositivo também está organizado em três elementos, são eles: uma rede que conecta essas multiplicidades, a existência da relação de poder que é o que move e define o dispositivo e quando junto a relação de saber, constitui o sujeito. Pois na intercepção dessas relações surge a de subjetivação que é a produção do sujeito.

Já vimos que o sujeito vai se tornando por meio do que lhe acontece e agora entendemos que esses acontecimentos atuam nos dispositivos e ganham lugar, sentido, destino, significados através desses elementos que naturalmente existem em cada dispositivo. É nele que as relações com o sujeito ocorrem. A subjetivação, a experiência, o agenciamento, o desejo, as marcas, a subjetividade, o movimento e tudo mais surgem, acontecem e se esvaíam apenas em um único “lugar”, no dispositivo.

Assim, o sujeito vai se constituindo por meio das relações de saber, poder e subjetivação de cada dispositivo que nele permanece. Para Weinmann (2006) a subjetivação restringi-se numa resistência à ações de forças que delimitam o território existencial do sujeito, isto é, a subjetivação consiste diante destas forças “[...] no ato de recurvá-las, de voltá-las sobre si próprias, constituindo uma dimensão que escapa tanto aos saberes, quanto aos poderes estabelecidos (embora possa, a todo momento, ser por eles recapturada): o si próprio.” (p. 21). Isto implica dizer que a subjetivação possibilita que o sujeito tenha uma relação consigo, a qual estabelece opondo-se

[...] as formas de subjetividade que nos são propostas e impostas pelos dispositivos em que nos inserimos. Entretanto, esse novo domínio – si próprio – é continuamente penetrado, recuperado e reintegrado em novos saberes e poderes, que o recodificam e rediagramatizam, de modo a assujeitar (ao outro: submissão; a si próprio: identidade) a subjetivação. (WEINMANN, 2006, p.21).

Sendo assim, é no dispositivo que o sujeito existe, se move para permanecer ou escapar. Esse movimento que determina permanecer ou transitar entre dispositivos ocorre através do **desejo**. No ponto de vista de Agamben (2005) “Na raiz de cada dispositivo está, deste modo, um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo em uma esfera separada constitui a potência específica do dispositivo.” (p. 14). Assim, compreendemos que o desejo nos subjetiva e, sendo assim, nos conduz dentro ou para fora do dispositivo. “O desejo não é estático, ele muda, dependendo dos encontros e processos de subjetivações pelos quais passamos.” (SILVA et al, 2018, p. 19).

Pois bem, verificamos até aqui o objetivo, os elementos e as relações de um dispositivo de maneira geral. Vimos também, que o sujeito pertence a inúmeros dispositivos os quais estão espalhados por todo Mundo Líquido, onde muita coisa acontece, mas pouca

dessas coisas ganha lugar. Dessa forma, retomamos e ressaltamos a importância da prática do Cuidado de si, que discutimos no início deste trabalho, em busca de se preservar a singularidade e a multiplicidade do sujeito. Precisamos ficar atentos!

#### **4.1 Dispositivo sala de aula**

Chegamos à discussão chave do nosso trabalho! As demais discussões sobre os relevantes conceitos estudados até o momento foram pensados e destacados a fim de que melhor entendamos o dispositivo em estudo. Discorrer sobre o dispositivo sala de aula, por onde circulou a nossa pesquisa, acreditamos não ser uma tarefa fácil, mas trabalharemos em busca de uma reflexão e conversa sobre, para melhor descrever a ideia de dispositivo e entender suas particularidades enquanto lugar onde as forças se relacionam entre si e com os sujeitos que ali fazem parte de forma direta ou indireta.

Como vimos, o dispositivo tem como característica controlar seus integrantes e tudo que o perpassa: “O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder”. (AGAMBEN, 2009, p. 29). Dentre essas relações o sujeito também é ativo, isto é, pertence e atua nos dispositivos, Deleuze (1990). A sala de aula não se difere dessa característica. Está inserida no dispositivo educacional moderno o qual engloba em seu interior um conjunto de práticas disciplinares. Essas práticas são por exemplo os:

[...] discursos sobre a importância de educar a infância, instituições educacionais diversas, prédios e regulamentos escolares, leis de ensino, portarias ministeriais, enunciados com pretensão de cientificidade – pedagógicos, psicológicos, sociológicos, etc –, filosofias educacionais, proposições moralizadoras da infância, etc. (WEINMANN, 2006, p. 17).

Dentro desta linha, entendemos que as práticas se apresentam estabelecidas entre si compondo a estrutura do dispositivo educacional. De modo que o aluno/sujeito que pertence a este dispositivo, ao longo de sua vida estudantil, deva estar inserido em uma turma (série). Contudo, as séries são sequenciadas linearmente e com base na evolução da aprendizagem que se espera de cada sujeito. Toda essa estrutura, guia o sujeito a um ideal, é um processo de assujeitamento. No qual, produzem o sujeito infantil e conseqüentemente se estabelece o adulto considerado normal, aquele que tem racionalidade e moralidade.

O dispositivo sala de aula - que é um dispositivo educacional - se estrutura, se organiza e se movimenta diante do que se deseja alcançar, que é a aprendizagem de seus alunos sobre os conteúdos acadêmicos e sobre valores morais e éticos. Segundo Anna Penido (2018) em artigo escrito para a revista Nova Escola sobre a Base Nacional Comum Curricular

(BNCC), a mesma mostra o que se anseia dos alunos quanto as suas aprendizagens no ambiente escolar, ao afirma que:

[...] o foco das escolas passar a ser não apenas a transmissão de conteúdos, mas o desenvolvimento de competências, compreendidas como a soma de conhecimentos (saberes), habilidades (capacidade de aplicar esses saberes na vida cotidiana), atitudes (força interna necessária para utilização desses conhecimentos e habilidades) e valores (aptidão para utilizar esses conhecimentos e habilidades com base em valores universais, como direitos humanos, ética, justiça social e consciência ambiental). (PENIDO, 2018, p. 2).

Sendo assim, para que tal objetivo seja alcançado, o dispositivo sala de aula comporta saberes e poderes que agem subjetivando o sujeito a cumprir o protocolo estabelecido. Os alunos são regidos por horários (de entrada, de saída tanto da escola quanto da sala de aula, seja para beber água e/ou ir ao banheiro, como também para o intervalo - recreio), pela disposição de lugares e distribuição das bancas e/ou cadeiras (na maioria das vezes enfileiradas), quando o professor preenche a caderneta, com a quantidade de faltas/presenças, notas/médias, notas de comportamento e a situação final (aprovado ou reprovado) a cada ano letivo, resultados que vêm por meio de aplicação dos testes, provas, atividades avaliativas. Todos esses mecanismos de controle são linhas de força que agem sobre o sujeito de diversas formas e com variadas potências. Além do mais, há muitos outros mecanismos de controle que não estão à mostra. Queiroz (2015), afirma que:

[...] o sujeito é sujeito, por encontrar-se em um emaranhado de linhas de força, advindas de diversos dispositivos, em que, superando ou livrando-se de uma dessas linhas, depara-se com outra. Quem decide se vai ser transpassado ou não por elas é o próprio sujeito, quando as identifica. (pp. 137-138).

Transpassar é o mesmo que subjetivar o sujeito, processo que acontece por meio das linhas de força. Isto é, a subjetivação do sujeito advém destas linhas. Ainda com base nos estudos de Queiroz (2015), os tipos de subjetivação são categorizados de quatro formas, são eles: “- Não perceber que está sendo subjetivado. - Perceber, querer lutar contra as forças, mas não conseguir. - Perceber e aceitar. - Perceber, lutar contra as forças que o subjetivam e conseguir rejeitá-la.” (p.137). De acordo com o tipo de subjetivação que se esteja vivenciando o sujeito assumirá a postura de resistência ou aceitação, Silva et al. (2018).

Em várias obras o filósofo Foucault discorre sobre o poder relacionado ao saber e como essas relações estão dispostas na sociedade. Na obra *Vigiar e punir*, Foucault (1987) se atém ao poder como um mecanismo de disciplina, o qual chama de: poder disciplinar. Com base nos estudos de Souza e Meneses (2010) entendem segundo a concepção foucaultiana, que o poder está disseminado no meio social, ele “se deslocou do soberano e passou a existir

através da norma, e assim, deixou de estar centralizado em uma figura e espalhou-se pela sociedade nas instituições.” (p. 23), sendo dessa forma capaz de se relacionar como também de estabelecer relações nos espaços que circula. A norma produzida pelas instituições – espaços que compõem o meio social – são responsáveis por desempenhar o poder disciplinar através de mecanismos que vigiam, controlam e punem os sujeitos. Esses mecanismos de poder assumem o papel de moldar os sujeitos para que estes se enquadrem nos paradigmas estabelecidos dentro das instituições.

A sala de aula, por exemplo, que faz parte da instituição escola, possui suas normas que exercem sobre os sujeitos o poder disciplinar. A sala de aula é um espaço harmonioso, onde os elementos e sujeitos existentes nela ganham lugar determinado: as bancas enfileiradas; os alunos sentados conforme a disposição das cadeiras; o birô do professor localizado a frente destas bancas, determinando o seu lugar; o quadro centralizado, bem visível para toda turma e instalado na parede próxima à mesa do professor, permitindo que o mesmo esteja sempre junto. Há ainda, os combinados de classe, que são acordos normalmente entre professor e alunos para facilitar a convivência com o grupo. É assim... tudo tem suas coordenadas, sempre dispostos de maneira a manter a ordem, a vigilância, o controle, o domínio dos que ali circulam. A ideia que nos vem a mente quando pensamos na estrutura de sala de aula, não se difere muito do que narramos anteriormente. Como também não foge da estrutura e do objetivo do Panóptico que Foucault menciona.

O Panóptico é o aperfeiçoamento do poder, um dispositivo disciplinar o qual aparece como uma nova tecnologia de poder. Não é mais necessário a punição física, as algemas, a força, para que os sujeitos apresentem bom comportamento, a observação, a vigilância e a organização do espaço por si só basta. Na verdade “o Panóptico pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos.” (FOUCAULT, 1987, p. 227). Os mecanismos de observação que permeiam o território do sujeito modificam-no em um ser obediente, adestrado e dócil, apto a viver em sociedade e manter relações, isto é, capaz de fazer parte do meio.

A vigilância permeia o dispositivo sala de aula fazendo parte do mesmo. O professor vigia os alunos, os alunos vigiam o professor e a eles mesmos. Coordenação e direção exigem aos professores, resultados positivos dos alunos, porque a Secretaria de Educação e todos os envolvidos com a escola querem ver também tais resultados. E dessa forma vai acontecendo os processos de controle dentro do dispositivo, por meio de cobranças que produzem qualificações, rankings, que determinam sujeitos ideais para aquele espaço e posteriormente para a sociedade.

Entender as relações de forças que perpassam o dispositivo sala de aula é compreender que cada sala de aula apresenta sua própria realidade, que apesar da heterogeneidade elas se tornam únicas, jamais igual à outra. Mesmo sendo as normas destes espaços análogas - obter os sujeitos ideais - os caminhos que levam a este ideal, ao ponto de chegada, são diversos, múltiplos, podendo ser estradas longas, ou atalhos. São os sujeitos deste espaço que determinarão por onde deve se chegar lá. Esses caminhos são construídos por meio das relações entre os sujeitos deste dispositivo.

## 5 METODOLOGIA

Para realização da presente pesquisa, utilizamos de uma metodologia de caráter qualitativo. De acordo com Borba (2004) a pesquisa qualitativa “prioriza procedimentos descritivos à medida em que sua visão de conhecimento explicitamente admite a interferência subjetiva, o conhecimento como compreensão que é sempre contingente, negociada e não é verdade rígida” (p. 2). Além disso, Moresi (2003, p. 69) corrobora que a pesquisa qualitativa “Deve ser usada quando você deseja entender detalhadamente porque um indivíduo faz determinada coisa.” Sendo assim, buscamos de maneira subjetiva encontrar, por meio dos recursos utilizados, uma significação nos resultados obtidos acerca das relações de forças existentes entre os sujeitos e o dispositivo sala de aula.

Para tal possibilidade, fizemos uso do questionário, que na visão de Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 58) o questionário corresponde a “um instrumento ou programa de coleta de dados.”. Com isso, almejamos descrever as significações que os alunos e professores deram as nossas perguntas.

A seguir apresentamos algumas etapas da nossa pesquisa, e seguimos detalhando sua importância para o desenvolvimento e resposta ao nosso problema de pesquisa.

De modo geral, nosso trabalho se organizou em quatro momentos:

- 1º. Tomamos conhecimento sobre parte dos estudos publicados acerca dos conceitos de alguns termos usados na Filosofia da Diferença, sobre as discussões do Mundo Líquido Moderno, Experiência e, por fim, sobre Dispositivo, a fim de entendermos o processo de constituição do sujeito em sociedade e seus reflexos no dispositivo sala de aula.
- 2º. Elaboração de dois questionários, um designado aos alunos e outro aos professores dos mesmos;
- 3º. Aplicação dos questionários com alunos e professores do 6º ano de uma escola pública localizada no agreste pernambucano;
- 4º. Descrição dos dados produzidos.

### 5.1 Identificação e escolha dos sujeitos

Os sujeitos de nossa pesquisa foram alunos e professores do 6º ano de uma escola pública localizada no agreste pernambucano. O interesse pelo público da pesquisa veio à tona durante o cumprimento das atividades realizadas em campo exigidas pela componente

curricular obrigatória de Estágio Supervisionado Obrigatório III, ofertada no curso de Matemática-Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco do Campus Acadêmico do Agreste – UFPE/CAA. Foi por meio da experiência obtida neste estágio, que fomos instigados a analisar a referida turma, já que em vários momentos de nossa prática nos deparamos com relatos da gestora, coordenadora, professores e, até mesmo, dos próprios alunos sobre a turma do 6º ano “A” daquela Instituição que era considerada a pior<sup>13</sup> turma da escola.

Curiosamente, buscamos entender por que esses discursos eram tão fortes nos alunos e nos profissionais envolvidos com essa turma. Em alguns momentos de conversa, conseguimos destacar as seguintes justificativas:

- A Escola está localizada numa comunidade de classe social baixa, onde a criminalidade e o uso de drogas são comuns aos adolescentes e jovens;
- Uma turma pouco numerosa, mas que apresenta níveis de idades bem distintos;
- O desempenho ruim em atividades e avaliações escolares por maior parte da turma;
- Boa parte dos integrantes da turma apresentava comportamento inadequado (conversas paralelas, barulhos, palavrões, brincadeiras, *bullying* e brigas entre alunos; não realizar as atividades propostas, faltar com respeito aos professores, coordenadores e colegas; etc) durante as aulas;
- Falta de credibilidade da maioria dos alunos durante as aulas e na execução das atividades escolares.

A pesquisa foi realizada com 25 alunos<sup>14</sup>, sendo 19 meninos e 6 meninas, todos integrantes da turma do 6º Ano “A”, os quais apresentam uma faixa etária de 11 a 16 anos de idade.

**Tabela 1 – Faixa etária dos alunos**

<b>IDADE DOS ALUNOS</b>	<b>QUANTIDADE DE ALUNOS</b>	<b>PERCENTUAL APROXIMADO</b>
<b>11 anos</b>	5	23,81%
<b>12 anos</b>	4	19,05%
<b>13 anos</b>	6	28,57%

<sup>13</sup>Esse adjetivo foi usado por boa parte dos integrantes da escola que conversamos, por entenderem que a maioria dos alunos apresentavam atitudes consideradas inadequadas, por exemplo: perturbavam as aulas com conversas, brincadeiras, gritos, barulhos, violência entre alunos; não cumpriam com as atividades propostas em sala, dentre outras ações.

<sup>14</sup> Dos 25 alunos participantes da pesquisa 4 deles não informaram a idade, o que corresponde 16% desse total.

<b>14 anos</b>	4	19,05%
<b>16 anos</b>	2	9,52%
<b>TOTAL DE ALUNOS QUE INFORMARAM A IDADE</b>	21	100%

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com a tabela 1, o maior índice apresentado corresponde a 28,57% que são alunos com 13 anos de idade. A idade estimada para um estudante do 6º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental deve ser entre 11 e 12 anos, segundo a Legislação<sup>15</sup> que organiza a oferta de ensino no Brasil. Dessa forma, temos que apenas 36% dos alunos não apresentam distorção de idade. Moreira (2013) informa que um aluno só é considerado com distorção de idade-série quando há uma diferença de dois anos ou mais, entre a idade do aluno e a idade recomendada para a série que está cursando. Verificamos que dos 21 alunos que informaram a idade, mais da metade apresenta uma distorção de idade-série, ou seja, apresentam idade entre 13 e 16 anos. Além disso, o que mais nos chama a atenção é que 9,52% são alunos que já deveriam estar cursando o Ensino Médio ou serem alunos da Fase II da EJA (Educação de Jovens e Adultos)<sup>16</sup>.

Em relação aos professores, 3 são mulheres e 3 são homens, com faixa etária entre 19 e 59 anos. Um deles é graduando, dois apresentam apenas formação no Ensino Superior e três são pós-graduados nas áreas de História ou Pedagogia.

Após a produção de dados, as respostas foram transcritas - respeitando a forma como cada sujeito escreveu - e os sujeitos identificados como *A1, A2, A3, A4,...*, *A25* para os alunos e os professores como *P1, P2, P3,...*, *P6*. Atribuímos essa nomenclatura combinando a numeração com o nome dos sujeitos em ordem alfabética.

Com o passar do tempo, mais especificamente no semestre seguinte, toda a situação vivenciada durante o estágio, não foi esquecida, o que nos causou o desejo de querer retornar aquela escola e, assim, melhor descrever a “pior” turma daquele ano letivo. Acreditamos que fomos movidos pelo desejo, fomos afetados, experienciamos e entendemos que tal situação correspondeu a uma de nossas marcas, pois segundo Costa (2018),

Os sujeitos podem ser afetados de diferentes maneiras, ao fazermos novos encontros, também estamos expostos a novos afetos, pois eles estarão

<sup>15</sup> LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 promulgada em 20 de dezembro de 1996.

<sup>16</sup> É uma categoria de ensino destinada a jovens, adultos e idosos que não concluíram em idade apropriada os níveis de ensino da Educação Básica do Brasil. Essa modalidade foi idealizada pelo Governo Federal.

sempre surgindo, somos afetados e também afetamos, essas afetações, essas marcas, são resultados de experiências. (p. 5-6).

Dentro desta perspectiva e tendo em ação a presente pesquisa, na componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCC I) escolhemos os alunos e professores da turma do 6º Ano “A” como sujeitos de nossa pesquisa, ao passo que desenvolvemos e estruturamos questões abertas e fechadas, as quais foram aplicadas por contato direto do pesquisador com os sujeitos da pesquisa, pois acreditamos que ocorrendo qualquer dúvida a mesma seria esclarecida.

Detalhamos brevemente a seguir como ocorreu à aplicação dos nossos instrumentos de produção de dados.

### Quadro 1 – Aplicação dos questionários

QUESTIONÁRIO	DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO
Questionário do aluno	Cada aluno respondeu individualmente e de maneira escrita às questões propostas. Não havia a presença de nenhum professor da turma na sala, apenas a do aplicador (pesquisador). Pois cremos que dessa forma os alunos ficariam mais à vontade para responder e talvez sanar dúvidas sobre tais questões, como também, evitaria que algum professor interferisse de maneira direta ou indiretamente nas respostas dos alunos.
Questionário do professor	A aplicação do questionário a cada professor, também aconteceu de maneira individual, escrita, mas em momentos distintos dos alunos e dos demais professores. Não tivemos interesse em aplicar em conjunto por dois motivos: seria pouco provável conseguir reunir todos os professores da turma no mesmo dia e no mesmo horário, como também, evitaria qualquer concórdia de respostas.

Fonte: dados da pesquisa.

Dando continuidade à nossa metodologia, logo mais trazemos à apresentação das questões em paralelo a discussão dos objetivos das mesmas. Esses foram pensados e usados em nosso trabalho com finalidade de obtermos os importantes dados de nossa pesquisa.

## 5.2 Apresentação e objetivos dos questionários

Na elaboração de nossas perguntas, buscamos seguir o que aponta Kauark, Manhães e Medeiros (2010):

Quanto às questões a serem pesquisadas, estas precisam contemplar hipóteses de veracidade. Assim, precisam ser bem formuladas e claras. Por isso é interessante (dependendo da intencionalidade) que o questionário apresente questões diretas e indiretas, fechadas e abertas, objetivas e subjetivas, que permitam respostas por alternativas a escolher e respostas descritivas. (p. 58).

Como já tínhamos um parecer sobre a turma (campo de pesquisa) optamos por elaborar o questionário dos alunos contendo 10 questões de caráter subjetivo onde buscamos, por meio destas, obter informações que nos ajudarão a perceber as relações de forças que permeiam o dispositivo 6º ano A.

### Quadro 2 – Identificação do aluno

Aluno(a): _____ Idade: _____
------------------------------

Fonte: dados da pesquisa.

No início do questionário do aluno, solicitamos o preenchimento com o nome objetivando uma possível localização do estudante caso fosse necessário esclarecer algum dado omitido. Em seguida a idade foi requerida para verificar as diferentes faixas etárias da turma possibilitando a ideia do índice de reprovação e/ou de alunos retardatários da turma. Com isso, relacionar estas informações, se possível, com os demais dados de nossa pesquisa.

De acordo com os estudos de Moresi (2003) verificamos que em nosso questionário há vários tipos de questões, tais como: questões abertas, fechadas, semiaberta, gradação de opinião e múltipla escolha. As mesmas estão dispostas no quadro 3.

### Quadro 3 – Questionário do aluno

QUESTÕES	OBJETIVOS
<p>1. O que acha da escola?  <input type="checkbox"/> péssima <input type="checkbox"/> ruim <input type="checkbox"/> razoável  <input type="checkbox"/> boa <input type="checkbox"/> ótima            Porquê? _____</p>	<p>Optamos por essa pergunta inicial para entender a visão do estudante acerca da escola e a partir das justificativas.</p>
<p>2. Quais colegas desta turma você mais gosta?</p>	<p>A finalidade é perceber se o sujeito interage com demais alunos em sala de aula.</p>

<p>3. O que você mais gosta de fazer quando não está na escola?</p>	<p>Traçar um paralelo entre as atividades fora da escola com o que a escola lhe proporciona.</p>
<p>4. Como você se vê daqui a dez anos? (profissão, família, ...)</p>	<p>Fazer o sujeito refletir sobre si numa perspectiva de futuro que depende do seu presente.</p>
<p>5. Qual é a sua matéria preferida este ano?  <input type="checkbox"/> História      <input type="checkbox"/> Português  <input type="checkbox"/> Geografia    <input type="checkbox"/> Matemática  <input type="checkbox"/> Ciências      <input type="checkbox"/> Inglês  <input type="checkbox"/> Arte            <input type="checkbox"/> Educação Física</p>	<p>Analisar a relação do sujeito com a matéria e obter informações prévias sobre demais respostas para perceber se há analogias desse sentimento com o professor que leciona.</p>
<p>6. Para você qual é a <b>pior</b> matéria este ano?  <input type="checkbox"/> História      <input type="checkbox"/> Português  <input type="checkbox"/> Geografia    <input type="checkbox"/> Matemática  <input type="checkbox"/> Ciências      <input type="checkbox"/> Inglês  <input type="checkbox"/> Arte            <input type="checkbox"/> Educação Física</p>	<p>Verificar posteriormente, possíveis relações dessa qualificação, com o professor que leciona a disciplina.</p>
<p>7. Dos professores que lhe ensina, qual é o <b>melhor</b>?  <input type="checkbox"/> História      <input type="checkbox"/> Português  <input type="checkbox"/> Geografia    <input type="checkbox"/> Matemática  <input type="checkbox"/> Ciências      <input type="checkbox"/> Inglês  <input type="checkbox"/> Arte            <input type="checkbox"/> Educação Física</p>	<p>Saber o preferido professor da turma para conferir possíveis relações dessa resposta com a opção mais escolhida do item 5.</p>
<p>8. Por que você <b>gosta</b> dele/dela? (Você pode escolher mais de uma opção)  <input type="checkbox"/> Porque não grita  <input type="checkbox"/> Porque se preocupa com os alunos  <input type="checkbox"/> Porque brinca  <input type="checkbox"/> Porque domina o assunto  <input type="checkbox"/> Porque explica bem o assunto  <input type="checkbox"/> Porque tem paciência  <input type="checkbox"/> Porque passa pouca tarefa  <input type="checkbox"/> Porque tem controle da turma    <input type="checkbox"/> outros: _____</p>	<p>Entender as ações dos professores, dentro do dispositivo sala de aula, que são os motivos pelos quais os alunos julgam ser o melhor professor.</p>

<p><b>9. Qual é o <b>pio</b>r professor de este ano?</b></p> <p>( ) História      ( ) Português  ( ) Geografia    ( ) Matemática  ( ) Ciências      ( ) Inglês  ( ) Arte            ( ) Educação Física</p>	<p>Saber o pior professor da turma para conferir possíveis relações dessa resposta com a opção mais escolhida do item 6.</p>
<p><b>10. Por que você <b>não</b> gosta dele/dela? (Você pode escolher mais de uma opção)</b></p> <p>( ) Porque grita  ( ) Porque <b>não</b> se preocupa com os alunos  ( ) Porque <b>não</b> brinca  ( ) Porque <b>não</b> domina o assunto  ( ) Porque <b>não</b> explica bem o assunto  ( ) Porque <b>não</b> tem paciência  ( ) Porque passa muita tarefa  ( ) Porque <b>não</b> tem controle da turma  ( ) Porque humilha os alunos  ( ) Porque é ignorante  ( ) outros: _____</p>	<p>Entender as ações dos professores, dentro do dispositivo sala de aula, que são os motivos pelos quais os alunos julgam ser o pior professor.</p>

Fonte: dados da pesquisa.

Em busca de descrever os professores, a partir das relações existentes com os alunos, com a disciplina que ministra, isto é, com o dispositivo sala de aula do 6º ano A, em geral. É que preparamos um questionário contendo também 10 questões subjetivas, o qual apresenta questões do tipo: aberta, fechada, dicotômica e múltipla escolha.

#### Quadro 4 – Identificação e formação do professor

<p>Nome: _____ Idade: _____  Formação (graduação): _____</p>
--

Fonte: dados da pesquisa.

Solicitamos o nome para ser possível localizar o professor caso fosse necessário esclarecer dados. A idade para compreendermos a geração de nascimento que leciona na turma campo de pesquisa e por fim, colocamos um campo de preenchimento para informar a graduação do professor, cujo intuito é obter informações que serão relacionadas com a

disciplina ou disciplinas que leciona para a turma e, também, relacionar com os dados dos alunos.

Em seguida, o questionário do professor foi dividido em duas partes:

**Parte 1** – busca sondar informações sobre a formação acadêmica e as experiências com a profissão de professor;

**Parte 2** – traz um diagnóstico do dispositivo 6º ano A e as relações com os alunos, na perspectiva de cada professor.

Além dos objetivos das questões informados anteriormente, procuramos também fazer um paralelo com as contribuições da formação acadêmica dos professores nas relações deste dispositivo.

O quadro 5 informa as questões e seus respectivos objetivos.

**Quadro 5 – Questionário do professor**

QUESTÕES	OBJETIVOS
<b>Parte 1</b>	
1. Há quanto tempo leciona?	Perceber possível relação entre o tempo de ensino com as significações que a profissão de docente tem para o sujeito.
2. Você se considera realizado exercendo a docência? ( ) Sim ( ) Não	A finalidade é entender quais consequências essa repostas exercerá no processo de subjetivação dos alunos.
3. O que pensa sobre a profissão de docente?	Sendo uma resposta complementar a anterior, buscamos verificar os significados que profissão de docente tem para o sujeito.
4. Você já pensou em desistir dessa profissão? Por quê?	Fazer o sujeito refletir sobre sua escolha profissional para descrever as possíveis relações de suas respostas com os acontecimentos

	que perpassam o dispositivo sala de aula do 6º ano.																																																
<p>5. O que para você seria:</p> <p>a) uma aula “boa”?</p> <p>b) uma aula “ruim”?</p>	Perceber as relações de forças que permeiam o dispositivo sala de aula no desenvolvimento das aulas.																																																
<b>Parte 2</b>																																																	
<p>6. Analise o quadro abaixo, preenchendo com um x nos espaços de acordo com sua opinião.</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Ações dos alunos durante a aula</th> <th>Nenhum(a) aluno(a)</th> <th>A minoria da turma</th> <th>Metade da turma</th> <th>A maioria da turma</th> <th>Todos</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Prestam atenção quando o assunto está sendo explicado</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Conversam durante a explicação</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Utilizam celulares</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Executam as atividades quando solicitadas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Demonstram interesse pela sua disciplina</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Apresentam falta de respeito com o/a docente</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Cometem violência física/verbal entre eles</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	Ações dos alunos durante a aula	Nenhum(a) aluno(a)	A minoria da turma	Metade da turma	A maioria da turma	Todos	Prestam atenção quando o assunto está sendo explicado						Conversam durante a explicação						Utilizam celulares						Executam as atividades quando solicitadas						Demonstram interesse pela sua disciplina						Apresentam falta de respeito com o/a docente						Cometem violência física/verbal entre eles						Diagnosticar o perfil do dispositivo sala de aula 6º ano “A” através de algumas ações frequentes nos alunos.
Ações dos alunos durante a aula	Nenhum(a) aluno(a)	A minoria da turma	Metade da turma	A maioria da turma	Todos																																												
Prestam atenção quando o assunto está sendo explicado																																																	
Conversam durante a explicação																																																	
Utilizam celulares																																																	
Executam as atividades quando solicitadas																																																	
Demonstram interesse pela sua disciplina																																																	
Apresentam falta de respeito com o/a docente																																																	
Cometem violência física/verbal entre eles																																																	
7. Qual a sua opinião em relação a esta turma?	Entender as relações dominantes no dispositivo sala de aula do 6º ano, na visão dos professores.																																																
8. Qual o/a aluno/aluna que, quando está presente na sala, dificulta o desenvolvimento da aula? Por quê?	Compreender as ações dos sujeitos que agem fortemente no dispositivo 6º ano “A”.																																																
9. O que para você seria um aluno bom?	Verificar sob a ótica do professor qual o perfil do aluno ideal para as suas aulas.																																																
10. O que para você seria um aluno ruim?	Verificar sob a ótica do professor qual o perfil do aluno que não se deseja ter nas aulas.																																																

Fonte: dados da pesquisa.

Finalizamos aqui os relatos da nossa metodologia e mais adiante, nos aventuramos na descrição dos resultados que foram obtidos através da elaboração, aplicação e observação do nosso instrumento de produção de dados.

## 6 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a descrição dos dados da pesquisa, agrupamos as perguntas e as respostas que julgamos ter relação, para evitar uma extensão nas discussões desses dados e com a finalidade de proporcionar ao leitor uma interpretação, sucinta, direta, mas contextualizada através do uso, sempre que possível e necessário, dos conceitos estudados e apresentados na construção do nosso trabalho.

Vale salientar que as respostas descritas não coincidirão necessariamente com a quantidade de sujeitos participantes, pois levaremos as discussões optando por aquelas que estão em concordância com o objetivo do nosso trabalho e com o nosso referencial teórico, em busca de trazer reflexões sobre a relação de forças presentes no dispositivo sala de aula.

### 6.1 Resultados dos Alunos

- Ao responderem a primeira pergunta que se refere ao que o aluno acha da escola, a maioria (48%) dos alunos achou-se a escola ótima e 36% classificou como boa, alguns por considerarem que gestor, coordenadores e professores são legais e por terem professores que ensinam. Ou seja, através do comportamento e do cumprimento dos deveres desses profissionais da educação os alunos foram subjetivados a acreditar que a escola é um espaço onde há lugar para eles.

*A12 - Porque tem professora ótima e professor divertido.*

*A19 - Porque os professores são legais e porque a diretora e coordenador<sup>17</sup> são legais.*

*A24 - Porque professores ensinam várias coisas.*

Outros justificaram ser ótima ou boa, devido a escola ensinar a prática do bem, conduzir ao aprendizado e transformar os sujeitos em pessoas educadas. Na justificativa dos sujeitos A3 e A20 percebemos algumas práticas da escola que por meio das relações no dispositivo sala de aula se concretizam. Os saberes e os poderes existentes e exercidos sobre os integrantes do dispositivo resultam em sujeitos subjetivados a serem produtos dessas ações, ou seja, a se tornarem seres que além de terem uma bagagem de conteúdos metodológicos carregam também ensinamentos éticos e morais.

*A3 - A escola é boa porque ela faz muitas pessoas a fazerem o bem.*

*A20 - Ela ensina as pessoas para aprender a ser boa pessoa.*

---

<sup>17</sup> O aluno citou o nome de um dos coordenadores da instituição, mas para manter a identidade do mesmo, substituímos pela palavra: coordenador.

Na resposta do sujeito A3: “*A escola é boa porque ela faz muitas pessoas a fazerem o bem.*” Destacamos o verbo fazer, que primeiro aparece na frase com a ideia de imposição, de soberania sobre a atuação do aluno levando-o a reproduzir o que lhe foi imposto. Assemelhamos isto, ao poder disciplinar de Foucault (1987), discutido anteriormente, que também se concretiza no meio escolar tornando os alunos corpos dóceis e adestrados através das práticas disciplinares.

As experiências vividas pelos alunos na instituição também foram justificativas nesta classificação. O Aluno A18 usa o tempo de estudo como razão da escola ser ótima: “*Porque faz muito tempo que eu estudo nela e gosto muito dessa escola. Por isso que eu marquei que ela é ótima, ela é a melhor escola.*” A vivência no ambiente escolar, as relações presentes neste espaço e as experiências adquiridas ocasionaram o afeto pela instituição.

8% dos alunos dizem achar a escola ruim, devido ao excesso da escrita. A14 – “*Porque escreve muito.*”. 4% gostam razoavelmente da escola, mas não apresentaram justificativa plausível e nenhum aluno julgou a escola como péssima.

- Na segunda pergunta buscou-se saber a relação de cada aluno com os demais integrantes da turma e foi constatado que 52% têm mais de dois colegas que gosta na turma, 20% tem exatamente dois colegas, 16% um colega apenas, 8% apresentam não gostar de nenhum colega e 4% não souberam responder, mas vale ressaltar que dentre estes que afirmam não ter nenhum colega que mais goste em sala, foram citados por pelo menos outro integrante, isto é, por mais que não souberam se tem colega, houve outros que o apontaram em sua resposta.

Percebemos que 88% dos alunos dessa turma tem pelo menos um colega que mais gosta em sala, isto é, há uma boa interação entre a grande maioria dos sujeitos dessa turma, sendo um o ambiente propício às relações de forças, já que as mesmas se manifestam por meio de afetações. Destacamos que entre os participantes, o sujeito A10 afirma serem as professoras os colegas de turma dos quais mais gosta. Talvez tenha sido uma falha em sua interpretação, mas é possível entender que os professores são sujeitos do dispositivo sala de aula, os quais exercem e sofrem afetações com os demais.

- Na questão três, os sujeitos foram indagados sobre o que mais gostam de fazer quando não estão na escola. Com base no objetivo dessa pergunta, classificamos as respostas em duas categorias:

**Atividades não relacionadas aos estudos** – Atividades como: fazer uso do celular, brincar, dormir, passear, assistir, conversar e estar na casa de avós, primos ou tios; são preferências de 80% dos sujeitos.

**Atividades relacionadas ao estudo** – Apenas 8% dos alunos, além de destacarem as atividades da categoria anterior, incluíram o ato de estudar para a prova, por julgar ser importante, A4: “*Estudar, brincar, Assistir, se divertir e é importante estudar para as provas também.*”.

Esses alunos que julgam o estudar para prova como importante para si, nos conduzem a refletir sobre a seguinte pergunta: Por quê é importante estudar para a prova? O ato de estudar para a prova implica em estudar para tirar boa nota na prova. A avaliação expressa um dos poderosos mecanismos de controle que a política de sala de aula exerce sobre os sujeitos, pois toda aprendizagem dos conteúdos vivenciados nas aulas será convertida em uma nota a qual serve para justificar ao final de cada ano letivo o avanço ou a permanência do aluno na turma. Nas atividades não relacionadas ao estudo, 40% dos estudantes utilizam os celulares, computadores ou videogames nas horas vagas. Baumam (2011) faz uma abordagem sobre o mundo virtual nas suas 44 cartas sobre o mundo líquido moderno. O uso do celular, na maioria das vezes, está relacionado às redes sociais, onde o sujeito está totalmente ligado. Por ser um público adolescente, a busca para esse tipo de entretenimento é ainda mais frequente. O fato de estar online traz sensações de existência no mundo atual, pois, acredita-se que para ser notado deve estar conectado. O problema é que essas pessoas podem criar em suas mentes sentimentos onde não correspondem com a realidade.

Como Baumam (2011) diz, nas redes sociais se tem muitos amigos, muitas solicitações de amizades, mas na realidade essa relação pode não existir. Nos computadores podem estar contidas também as redes sociais, os jogos e entre outros. Nesses equipamentos estão inseridos vários aplicativos e condições que afetam diretamente o sujeito. Assim, esses estudantes estão condicionados a serem atingidos pelas linhas de forças que esses aplicativos oferecem. Podem-se citar as redes sociais como um dispositivo que tem suas intenções e que subjetivam o sujeito trazendo consequências futuras para ele. São linhas de forças que não estão na sala de aula, porém é trazido por esses estudantes em qualquer lugar que ele esteja e isso reflete muitas vezes no modo em que o aluno se comporta dentro do dispositivo sala de aula.

- A quarta questão foi: *Como você se vê daqui a dez anos? (profissão, família, ...)* Pretendia perceber o conhecimento sobre si mesmo. A maioria (76%) direcionaram suas respostas para o lado profissional:

*A1 - Quero ser um soldado do exercito brasileiro. Um dia ir para o BOPE.*

*A18 - Sendo uma grande professora de creche pra cuidar das crianças.*

Dentre esta maioria, 26% pretendem ajudar ou construir uma família, quando falam:

*A8 - Vou trabalhar e ajudar minha família.*

*A19 - Eu quero trabalhar ajeitando moto e ter uma família.*

Nas respostas obtidas vimos algumas subjetivações que afetaram esses estudantes. *A1*, por exemplo, tem vontade de servir ao exército brasileiro. Os desejos movem o sujeito a irem à busca de seus objetivos. As falas desses alunos trazem muito de si, do que anseiam. Isso foi adquirido através do contato com o outro, ou seja, podem ter visto uma bela propaganda na televisão, pode ter sido subjetivado por algum professor ou pela família e conseqüentemente optar por essa profissão. Enfim, houve alguma razão ao qual fez esses sujeitos determinarem suas profissões para o futuro. *A8* não determinou uma profissão, mas tem o objetivo de buscar ajudar a família e para isso tem o trabalho como fonte de renda. Vale salientar que é comum os desejos serem diferentes, *A1*, *A18*, *A19* tem as profissões desejadas, já *A8* deixa ser movido pela necessidade de buscar algo melhor para a família. É importante destacar que a escola e a maioria do público que a frequenta está localizada em um bairro de baixa renda social. Isso pode justificar o anseio de *A8*.

24% afirmam não saber como se veem futuramente, talvez porque não tenham tido a oportunidade de refletir sobre si próprio. Fazer tal reflexão é uma prática do Cuidado de si que “implica o conhecimento sobre si e isto requer tempo, ou seja, é preciso ocupar-se consigo, experienciar-se.” (SILVA et al., 2018, p. 21).

- Para a quinta e a sexta questão, construímos a tabela 2:

**Tabela 2 – Dados das questões 5 e 6**

Matéria	Frequência das matérias	
	Preferida(s)	Pior(es)
História	-	3
Geografia	2	3
Ciências	1	-
Arte	1	2
Português	-	4
Matemática	4	13

Inglês	3	2
Educação Física	15	-

Fonte: dados da pesquisa.

Observamos que a matéria<sup>18</sup> de Educação Física foi a mais preferida pelos alunos, sendo a matéria de Matemática considerada como a pior. Agora, analisando a opinião sobre os melhores e os piores professores, construímos a tabela 3:

**Tabela 3 – Dados das questões 7 e 9**

Matéria(s) lecionada(s) pelos professores	Frequência dos professores	
	Melhor(es)	Pior(es)
História/Ciências	2	-
Geografia/Arte	-	11
Português	-	10
Matemática	9	4
Inglês	6	-
Educação Física	8	-

Fonte: dados da pesquisa.

O professor de Matemática foi considerado o melhor professor da turma por nove alunos que corresponde a 36%. A maioria (sete alunos) justifica que o professor de Matemática explica bem o assunto, além disso, tem paciência, tem controle da turma, não grita, domina o conteúdo, é legal e se preocupa com os alunos. Com base na escrita dos alunos, este professor cumpre bem as tarefas exigidas para um educador. Além disso, mantém uma boa relação com esses alunos. Isto consiste em um profissional que cuida de seus alunos, provavelmente tenha o cuidado de si em sua prática. É preciso se cuidar para cuidar do outro, pois “o cuidado de si está em consonância com o cuidado do outro, pois cuidando do outro também estou exercitando o cuidando de si” (SILVA et al., 2018, p. 21).

Em contrapartida, o professor que leciona as matérias de Geografia e Arte é tido como o pior professor por 44% dos alunos. A maioria (nove alunos) considerou como o pior professor, porque grita e caracteriza-o como aquele que não se preocupa com os alunos, não brinca, não domina e nem explica bem o assunto, não têm paciência, por passar muita tarefa, não ter controle da turma, por humilhar os alunos, por ser ignorante e ainda acrescentam que

<sup>18</sup> Estamos nos referindo as Componentes Curriculares do 6º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

não é uma pessoa legal, é chato! Este é um exemplo de um profissional insatisfeito com o que faz. Não existe mais o desejo de estar naquele lugar, não há anseio de compartilhar o mesmo lugar com as pessoas, não se contem em falar algo que pode afetar de forma desastrosa o outro. Isso implica a falta de cuidado com o outro. Quando o sujeito se encontra neste estado, podemos afirmar que não existe mais uma causa para lutar, se reinventar para o ambiente profissional.

Assim, obtivemos dois personagens que embora desempenhem a mesma função, se distanciam em suas práticas. Um com uma boa execução, buscando acrescentar algo de bom na vida desses alunos, já outro mostrando aquilo que muitas vezes já é visto por esses estudantes.

## 6.2 Resultados dos professores

- Os professores entrevistados que lecionam na turma do 6º ano, apresentam os seguintes anos de ensino:

**Tabela 4 – Tempo de ensino dos professores**

<b>PROFESSORES</b>	<b>TEMPO DE ENSINO</b>
<i>P1</i>	28 anos
<i>P2</i>	10 anos
<i>P3</i>	7 anos
<i>P4</i>	27 anos
<i>P5</i>	19 anos
<i>P6</i>	1 ano

Fonte: dados da pesquisa.

- Quando perguntados se os professores estão realizados em exercer a profissão de docente, aproximadamente 67% afirmam que sim e 33% afirmam que não.

Sentir-se realizado é um dos sentimentos mais prazerosos na vida profissional de uma pessoa, porém não quer dizer que não houve ou não há dificuldades no trabalho. O professor para se sentir dessa forma precisa ter uma boa relação com o trabalho que exerce. É uma resposta para várias perguntas surgidas na trajetória desse profissional. É a certeza que optou para aquilo que o faz bem. Vale ressaltar que a maioria que expressou essa opção foram os mais antigos, sendo assim ainda mais nítida a certeza da escolha em ser professor. Já os dois

que disseram que não se sentem realizados, buscaram explicar que apesar de achar uma profissão linda, mas não era exatamente isso que almejava.

- Os professores caracterizaram a profissão de docente como sendo bela, desafiadora e de doação. O sujeito *P2* discorreu sobre o papel importante do professor para seus alunos, quando afirmou que:

*P2 – Ser docente é compartilhar seus conhecimentos e suas experiências, mudando assim a história de quem aprende. Para que isso aconteça é necessário gostar e acreditar naquilo que faz, ou seja, através de seus atos e ações servirá de modelo para seus alunos. A relação professor aluno também é muito importante no ensino aprendizagem, pois um depende do outro pra crescer e deve ser cultivada a cada dia.*

*P2* traz uma definição própria sobre o papel docente no dispositivo sala de aula. Primeiro ela define como um sujeito que subjetiva os seus alunos. “*mudando assim a história de quem aprende*”. Essa é uma condição possível que ocorre dentro deste dispositivo, pois o professor em sua fala e em sua ação propriamente dita pode trazer ao aluno ideias que ocasionam em desejo para a sua vida. Não é um fato extraordinário ver algum aluno tendo um professor como referência. A professora *P2* bem colocou que para o aluno se sentir instigado a algo é preciso que o professor reproduza suas atividades com entusiasmo acreditando que aquilo que esta sendo ensinado levará a um bom resultado. A sala de aula é um dispositivo que traz várias possibilidades. O professor na condição de educador também é objeto de subjetivação. Ele subjetiva e pode ser subjetivado por seus alunos ou até por uma aula que não deu certo. Para isso é necessário que o professor tenha a sensibilidade de conhecer o que acontece no ambiente escolar e acima de tudo o que está sendo absorvido por seus alunos. Após isso, analisar se a metodologia está sendo adequada para o nível da turma. Isso só será possível acontecer se houver relação entre professor aluno. É de fato um processo de crescimento entre esses dois sujeitos.

- Na quarta questão: Você já pensou em desistir dessa profissão? Por quê? Apenas dois deles afirmaram não pensar em desistir.

*P4 - Não, não me vejo exercendo outro ofício.*

*P5- Nunca. Porque apesar de tudo foi realmente o que escolhi.*

Essas falas correspondem a elementos que representam um sujeito que tem a sua verdade, que se conhece profissionalmente, que buscou analisar outras possibilidades e não encontrou respostas. É um sujeito que parou e olhou para si visando o seu futuro e que não

deixa nada tirar esse pensamento de sua vida. É resistir a cada fracasso buscando superar cada episódio triste.

Os demais apontam a falta de interesse e a indisciplina dos alunos como sendo a causa principal, como traz o sujeito *P3*.

*P3 - Sim, por muitos descasos que acontecem na educação e principalmente pela falta de interesse dos alunos nos conteúdos que tenho que passar, por não conseguirem entender a importância que eles tem em suas vidas e daí causa desestímulo naquilo que faço.*

O professor é o sujeito que mais sofre por situações impostas dentro do dispositivo sala de aula. Acima de tudo ele é humano e traz consigo suas singularidades, ou seja, suas decepções, suas experiências, suas marcas, suas limitações. O caso de *P3* remete a fragilidade em visar um ambiente que muitas vezes pode ser desacreditado pelos próprios alunos. Com isso, o educador fica condicionado a acreditar nisso também. Assim, o estímulo de ensinar vai ficando sem espaço na rotina profissional desse professor.

- Na quinta questão, os sujeitos são perguntados sobre o que seria uma aula boa e uma aula ruim.

*P3 - A que houvesse entendimento e participação efetiva de todos os alunos.*

*P6 - Uma aula onde a interpretação entre aluno e professor fosse constante.*

No dispositivo sala de aula um dos fatores importantes é a relação entre professor aluno. Espera-se que esses dois executem seus respectivos papéis na aula e que correspondam a uma aprendizagem em ambas as partes. Na fala de *P3*, ao analisarmos uma aula como uma ação de responsabilidade do professor, sendo esse um sujeito como outro, torna-se difícil atingir 100% da turma, pois cada aluno é um desafio por suas multiplicidades e singularidades. Cada estudante tem o seu jeito de aprender, de absorver informações, como também têm suas preferências por disciplinas. De repente a aula pode ser atraente, mas o fato do professor ensinar determinada disciplina tira a possibilidade de o aluno sentir-se motivado a aprender. Portanto, pode-se pensar que *P3* traz uma fala otimista dentro da realidade existente em uma turma.

Para estes sujeitos uma aula ruim seria

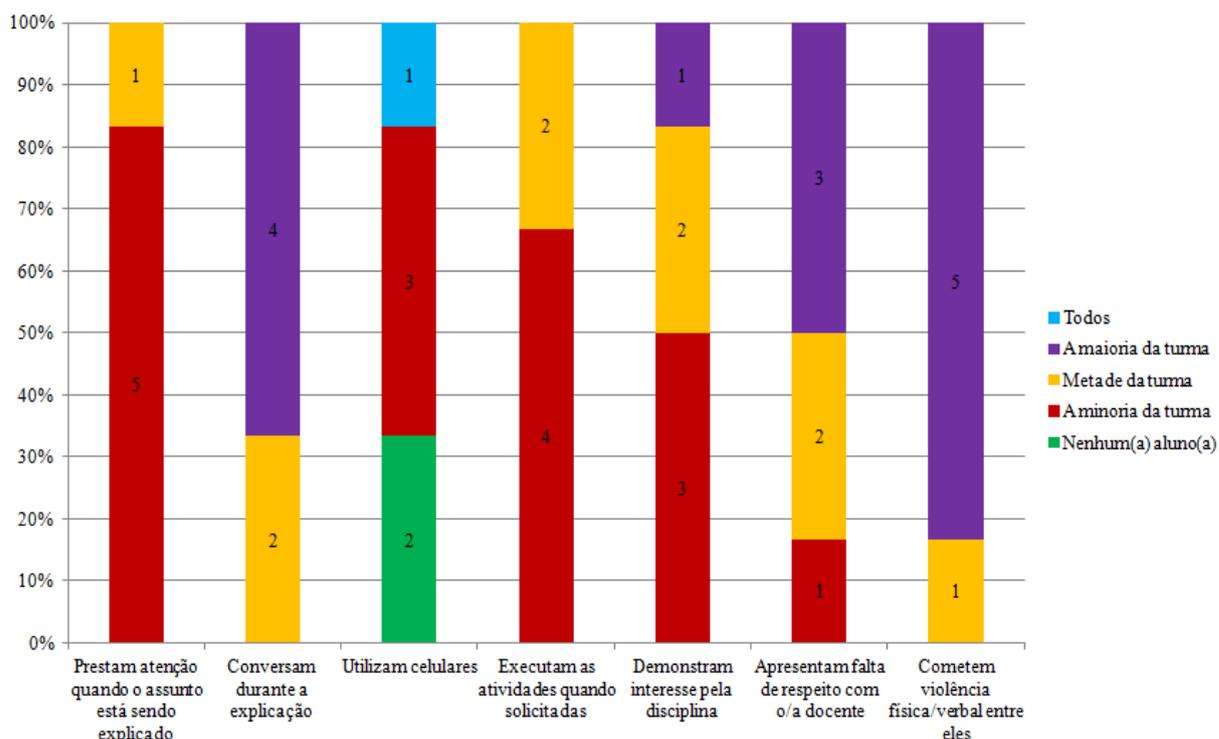
*P3 – A que se deixa ofuscar pela petulância de quem nada quer, e se monta num contexto indisciplinar.*

*P6 - Uma aula onde o alunado está desatento e não produz o esperado.*

*P6* acaba trazendo um pensamento que reproduz a ideia do Panóptico quando interpreta a aula como uma produção esperada dos seus alunos. O professor se torna o guarda que vigia as ações de seus alunos a fim de avalia-lo no final da aula, ou seja, há um “castigo” caso ele não produza bem. O aluno é tido como um objeto produtor, que deve cumprir com suas obrigações, incluindo disciplina e muitas atividades. São dois sujeitos com posições diferentes (professor e aluno) que compõem o mesmo espaço, mas que são reféns de um sistema onde exigem uma produção que possibilite trazer bons números para as estatísticas expostas. Já *P3* se dirige ao mau comportamento exposto pelo estudante. Neste caso, são situações onde o sujeito aluno é reproduzidor de maus hábitos e acaba subjetivando seus colegas a também praticar aquelas ações indesejadas pelo professor. As subjetivações podem se manifestar através do contato com o outro, seja através da enunciação ou pela visibilidade. Na medida em que o sujeito fala ele reproduz o poder, aquele que escuta está sendo resistência. Essas linhas de forças trazem implicações para o sujeito resistência, isto é, pode resultar um novo modo de pensar e agir.

- O gráfico 1 descreve as análises dos professores em relação as ações dos alunos no dispositivo sala de aula.

**Gráfico 1 – Ações dos alunos na sala de aula**



Fonte: dados da pesquisa

Mostrando que:

- **a minoria dos alunos:** prestam atenção nas aulas, utilizam celulares, executam as atividades quando solicitadas e demonstram interesse pelas disciplinas.

- **a maioria dos alunos:** conversam durante as aulas, apresentam falta de respeito com os docentes e cometem violência física e verbal entre eles.

A turma do 6º ano mostra ser um ambiente difícil de trabalhar, pois nos relatos, cerca de 50% dos professores afirmam que a maioria dos alunos falta com respeito para com eles. Este comportamento reflete sujeitos alunos que se deixaram ser subjetivados a não acreditar em si, sem nenhuma expectativa de superação através da educação. Não se pode afirmar que esses estudantes não serão bem sucedidos financeiramente no futuro, apenas mostra sujeitos desacreditados nas carreiras profissionais que exija um grau de estudo mais elevado.

A maioria dos professores caracteriza a turma como difícil de trabalhar devido a diversidade de faixa etária dos integrantes, a falta de interesse pelo estudo o que se revela através de atitudes que atrapalham o decorrer das aulas. É o que nos mostram, por exemplo, os docentes:

*P3 - Uma turma de 6º ano, geralmente inicia as atividades de inglês por seu contexto de base, mas quando há uma mescla de idade, ou seja, alunos em fase inicial com alunos já repetentes, essa base passa a ser alvejada e até ridicularizada por aqueles que há tantos anos trabalham com ela.*

*P5 - Uma turma heterogênea, alunos fora da faixa idade serie. Uma das piores turmas.*

*P6 - É uma turma em que sua maioria é descompromissada com os estudos, talvez pelo fator idade. Poderia ser bem mais organizada e disciplinada.*

*P1 - Uma turma totalmente desestruturada e mal educada sem princípios e valores familiares. Salvo algumas exceções.*

*P5 - Realmente isso é um problema familiar muito mal educados e sem expectativas de futuro.*

O sujeito é composto por seus desejos advindo de suas subjetivações no decorrer de sua vida. Como vimos, as subjetivações são ações que consistem através do contato com o outro dentro de um dispositivo. O dispositivo família é o que mais influencia o sujeito em seus comportamentos trazendo para ele uma singularidade. Por existir essa relação entre sujeito e família, há discursos que buscam justificar o mau comportamento das pessoas colocando a responsabilidade inteira na família. Porém, sabe-se que o sujeito apesar de vivenciar os hábitos familiares no dia a dia pode optar em não ser subjetivado, assim o discurso contra a família não pode ser considerado completamente aceito.

- Ao serem perguntados sobre os integrantes da turma que mais dificultam o bom desenvolvimento da turma, 33% afirmam serem aqueles que não têm expectativa de futuro:

*P5 - São vários sem citar nomes acredito que é realmente a falta de expectativas de futuro.*

O professor *P3* afirma : *Geralmente todos aqueles de idade avançada. Misturar um aluno de dez, onze anos com aqueles de 15, 16, é estar à margem da alienação, já que a inferioridade vai reduzir a capacidade dos mais novos e omiti-los ao certo.*

Pela normalidade, tem-se que o sujeito mais velho traz ensinamentos para os mais novos e como se tratam de alunos que tem um contato com o outro, isso pode ocorrer, mas não é uma verdade absoluta, pois cada sujeito reproduz aquilo que deseja. Como a escola está localizada em uma área com grandes índices de criminalidade, os sujeitos trazem essa realidade para sala de aula, seja no comportamento ou até mesmo em sua fala. O dispositivo sala de aula é um lugar comum, ou seja, não se tem uma abstinência de falar certos palavrões, como faltar com respeito com o professor. Assim, a sala de aula passa a ter um espaço onde se aprende a fazer o que não deve ser feito, pois para aqueles estudantes de 11 e 12 anos, que também fazem parte dessa comunidade, o comum é reproduzir aquilo que a maioria e os mais velhos fazem, trazendo isso como verdade de si.

- Para os professores, os alunos que cumprem seus deveres de estudante, que interage e que entende a importância da educação para a sua vida são tidos como alunos bons.

*P2 - Um aluno que tenha bom comportamento perante alunos e professores, compromisso com ensino aprendizagem nas diversas situações em sala de aula.*

*P3 - Aquele que é preocupado com as notas, respeitoso, que compartilha dificuldades e alegrias e, necessariamente, visa um bom futuro em sua vida.*

Já os alunos que falta com respeito, que não tem foco, que apresentam mau comportamento atrapalhando a aula, foram caracterizados como um aluno ruim.

*P3 - Aquele já desacreditado, desrespeitoso, omissos, alienante, e que não só busca a reprovação, mas também agrupa colegas para irem no mesmo caminho.*

Os alunos ideais são aqueles que cumprem com as normas estabelecidas pelo dispositivo. É o conceito de formação de corpos dóceis estabelecido no dispositivo que busca adestrar o sujeito pelo seu comportamento. Esse conceito vem desde o planejamento que estabelece as intenções previstas para a escola. Ou seja, as falas obtidas pelos professores são reproduções dos discursos estabelecidos para o funcionamento desse dispositivo. Quando há

um cumprimento de normas, o aluno é interpretado como um bom sujeito, mas quando não, o mesmo acaba sendo imposto como ser problemático sendo assim o motivo de tudo dar errado.

São interpretações que estão ligadas a um contexto histórico estabelecido para o controle de uma sociedade que diverge em gostos, ações e condutas. É a ação contra a multiplicidade com o intuito de unificar os sujeitos para se tornarem cada vez mais parecidos para serem mais fáceis de serem controlados. Isso está presente não apenas na sala de aula, mas em todo o dispositivo. Porém a sala de aula é um forte dispositivo que emerge uma força que está além daquilo que se pode ver, trazendo assim uma interpretação variada daquilo que se pode ter como verdade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os conceitos da Filosofia da Diferença, vimos que cada sujeito apresenta sua singularidade e suas multiplicidades, as quais são adquiridas das inúmeras situações vivenciadas em seu percurso. O sujeito vai se constituindo único por meio dos enfrentamentos que o mesmo estabelece com a sociedade, alguns mais intensos outros não tanto, mas que ganham um lugar dentro do seu território existencial.

A educação é digna de mais estudos voltados para o dispositivo sala de aula, em vista de que é neste espaço que a educação se concretiza. Sendo assim, necessitamos de olhares para as subjetividades dos sujeitos já que são como forças que perpassam este lugar determinando a consolidação do ensino e a aprendizagem, além das metodologias aplicadas nos conteúdos programáticos, as normas a serem seguidas e os recursos a serem usados, também são importantes as relações que acontecem entre o processo. O processo de ensino e a aprendizagem é dado por interações entre sujeitos inseridos no Mundo Líquido Moderno, que estão rodeados de forças que potencializam para causar subjetivações, afetações. Contudo, verificamos no âmbito das pesquisas acadêmicas, a relevância em conhecer as relações de forças que circulam entre os sujeitos num dispositivo sala de aula, por essa razão, acreditamos que nossa pesquisa proporciona, conforme os estudos abordados, uma reflexão não tão comum, isto é, algo que foge dos métodos práticos de ensino ou mesmo sobre os problemas cognitivos da aprendizagem.

Vimos por meio das análises feitas em nosso trabalho, que o sujeito na condição de integrante do dispositivo sala de aula está interligado a algumas relações, sendo estas as relações de força e as relações de poder. Estas acontecem por meio de linhas de forças que agem a partir do poder e do saber, sendo a resistência “[...] a linha de força da afirmação do cuidado de si mesmo.” (TÁRTARO, 2016, p. 51). No Mundo Líquido descrito por Bauman (2011), entendemos que o Cuidado de si é de suma importância para que a experiência seja possível de ser vivenciada, mesmo em meio da efemeridade, da enxurrada de coisas que tendem a passar por nós sem que arrumemos um lugar para elas dentro de nós.

Contudo, verificamos que no dispositivo sala de aula, os sujeitos mesmo estando ali para aprender e/ou ensinar trazem consigo suas verdades, experiências, marcas que foram adquiridas durante a vida e que ali vão ganhando intensidades capazes de afetar ou não os demais integrantes do dispositivo. Entretanto, entendemos que essas forças aparecem inevitavelmente e entrelaçadas na vivência em sala de aula, podendo ser um contribuinte para o objetivo deste dispositivo que é a aprendizagem.

Assim, desejamos que nossos alunos e professores sejam experienciados a partir de suas vivências em sala, que eles tenham a prática da autorreflexão entendendo que há uma multiplicidade de caminhos a serem seguidos e criados a partir das forças que os afetam, caso eles permitam.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo?** Trad. Niceia Valdati. Ilha de Santa Catarina: 2º semestre, 2005. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/6-agamben-o-que-c3a9-um-dispositivo.pdf>> Acesso em: 13 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **O que é um dispositivo?** In: O que é o contemporâneo e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BORBA, Marcelo C. **A pesquisa qualitativa em educação matemática**. Disponível em: <[file:///D:/Documentos/UFPE/2019.1/borba-minicurso\\_a-pesquisa-qualitativa-em-em.pdf](file:///D:/Documentos/UFPE/2019.1/borba-minicurso_a-pesquisa-qualitativa-em-em.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2019.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **Geographia**, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13419>> Acesso em: 25 jun. 2019.

COSTA, L. R. S. As marcas da filosofia da diferença no devir professor. In: ENCONTRO DE MATEMÁTICA DO AGRESTE PERNAMBUCANO, V., 2018, Caruaru. **Anais...** Caruaru: UFPE/CAA, 2018. p. 5-6.

DELEUZE: filosofia da diferença / Franklin Leopoldo e Silva. Casa do Saber. **Youtube**. 28 fev. 2017. 7min 46s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6Her0PEsMao>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

DE OLIVEIRA WEINMANN, Amadeu. Dispositivo: um solo para a subjetivação. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n3/a03v18n3>> Acesso em: 29 set. 2017.

ELIAS, Méri Vanessa; PIZZETI, Sidineia Aparecida; BARRETO, Danielle Jardim. Idosos em experimentação no circuito urbano: relato de uma experiência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 3, p. 746-757, 2013.

FERREIRA, H. M.; SILVA, M. G.; COSTA, L. R. S. Descrevendo trajetórias sobre a relação com a matemática: experiências e marcas no ambiente familiar e social. In: ENCONTRO DE MATEMÁTICA DO AGRESTE PERNAMBUCANO, V., 2018, Caruaru. **Anais...** Caruaru: UFPE/CAA, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20 ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. 288p.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política**. 3 ed. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 141-157. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>> Acesso em: 23 abr. 2018

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Disponível em: <[http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio\\_turra/MINI%20CURSO%20RAFAEL%20ES%20TRADA/foucault-hermeneutica-do-sujeito.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/MINI%20CURSO%20RAFAEL%20ES%20TRADA/foucault-hermeneutica-do-sujeito.pdf)> Acesso em: 10 jul. 2019

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88 p. Disponível em: <<http://197.249.65.74:8080/biblioteca/bitstream/123456789/713/1/Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf>> Acesso em: 15 maio 2019.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. In **Revista Brasileira de Educação**, nº19, 2002.

LEVY, Tatiana Salem. O fora como o (não-) espaço da literatura. **Rio de Janeiro: Pazulin**, 2007.

LIMA, E. A.; YASUI, S. Territórios e Sentidos: Espaço, Cultura e Cuidado na Atenção Psicossocial. In: **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, pp. 593-606, jul/set. 2014.

MANSANO, Sonia R. V. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. In *Revista De Psicologia da UNESP*, 8(2). 2009

MOREIRA, C. F. Distorção idade-série na educação básica. **Jusbrasil**, 2013. Disponível em: <<https://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/111821615/distorcao-idade-serie-na-educacao-basica>> Acesso em: 25 jun. 2019

MORESI, Eduardo et al. Metodologia da pesquisa. **Brasília: Universidade Católica de Brasília**, v. 108, p. 24, 2003. Disponível em: <[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34168313/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1558528366&Signature=9Hw3li4YuzOz1EMCyj84wDynReo%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DMetodologia\\_da\\_Pesquisa\\_PROREITORIA\\_DE.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34168313/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1558528366&Signature=9Hw3li4YuzOz1EMCyj84wDynReo%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DMetodologia_da_Pesquisa_PROREITORIA_DE.pdf)> Acesso em: 22 maio 2019

PENIDO, Anna. Com a BNCC, qual aluno queremos formar? **Nova Escola**, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/11773/com-a-bncc-qual-aluno-queremos-formar>> Acesso em: 18 jun. 2019.

QUEIROZ, S. M.; POSADA-BALVIN, F. A. Movimentos que perpassam uma sala de aula de matemática do ensino básico. In: ENCONTRO DE MATEMÁTICA DO AGRESTE PERNAMBUCANO, I., 2014, Caruaru. **Anais...** Caruaru: UFPE/CAA, 2014.

QUEIROZ, S. M. **Movimentos que permeiam o devir professor de matemática de alguns licenciandos**. 2015. 208f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

\_\_\_\_\_. A educação em meio ao hiperativismo sócio-cultural do mundo líquido, 12., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo-SP: Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), 2016.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: UFGRS, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Núcleo de Subjetividade**. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>> Acesso em: 01 maio 2019.

SCHÖPKE, Regina. **O conceito de "diferença" na obra de Gilles Deleuze**. Disponível em: <<https://rogsil.wordpress.com/2009/11/22/o-conceito-de-diferenca-na-obra-de-gilles-deleuze/>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

SILVA, M. M. L. et al. Cuidado de si e experiência: Movimentos que perpassam a Educação Matemática na Pós-Modernidade. In: ENCONTRO DE MATEMÁTICA DO AGRESTE PERNAMBUCANO, V., 2018, Caruaru. **Anais...** Caruaru: UFPE/CAA, 2018.

SOUZA, Líria Alves de. **Propriedades dos líquidos**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/quimica/propriedades-dos-liquidos.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

SOUZA, N. C.; MENESES, A. B. N. T. O poder disciplinar: uma leitura em vigiar e punir. **Saberes**, Natal – RN, v. 1, n. 4, jun 2010.

TÁRTARO, T. F. **Ex docente: invenções do devir-guerreiro no professor de Matemática**. 2016. 178f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

VEIGA-NETO. Alfredo. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 160p.